



CRB

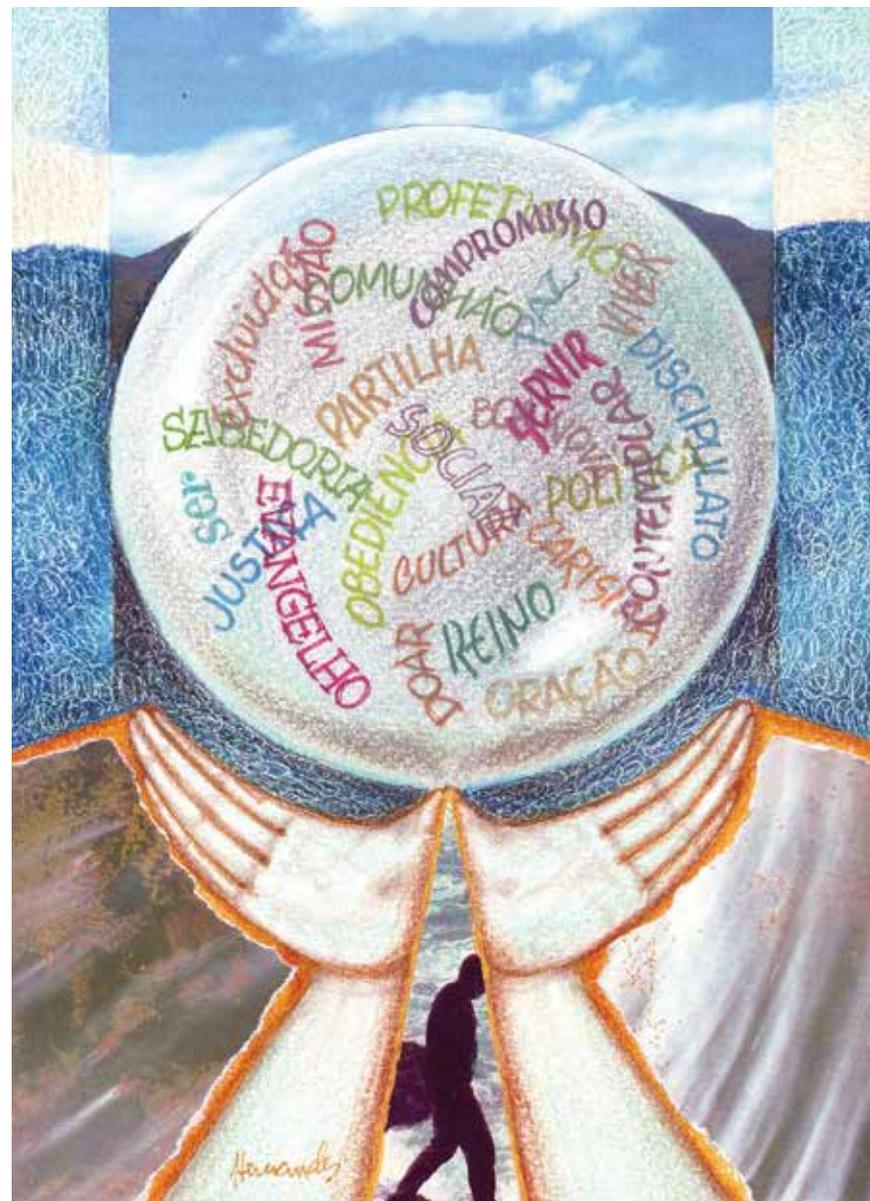
Quadro Programático da CRB 2010-2013

HORIZONTE

Em meio aos grandes desafios do mundo complexo e plural, da realidade da Igreja e da Vida Religiosa Consagrada, a Palavra de Deus nos impulsiona a avançar com os “olhos fixos em Jesus” (Hb 12,1-3), movidos/as pelo Espírito que o consagrou e enviou a anunciar a Boa-Nova (Lc 4,18). Provocados/as por uma nuvem de testemunhas (Hb 12,1), reafirmamos nossa identidade místico-profética e reavivamos a paixão pelo Reino, defendendo e promovendo a vida, assumindo a causa dos empobrecidos e construindo relações humanas, fraternas e solidárias.

PRIORIDADES

1. Redescobrir o sentido profundo da VRC, revitalizando a paixão por Jesus e seu Reino mediante a escuta da Palavra de Deus, a oração encarnada, a contemplação sapiencial da realidade, o compromisso discipular-missionário, a convivência como irmãos e irmãs e a comunhão com toda a criação.
2. Avivar a dimensão profético-missionária da VRC, atuando nas novas periferias e fronteiras, intensificando a opção pelos empobrecidos, e fortalecendo o compromisso com as grandes causas sociais, econômicas, políticas e ambientais.
3. Qualificar as relações na VRC e em seu espaço de inserção, em diálogo com as diferenças pessoais, culturais, étnicas, religiosas, geracionais e de gênero.
4. Ampliar o diálogo com as novas gerações em seus anseios e inquietações, e buscar novas metodologias para a animação vocacional.
5. Aprofundar o conhecimento da realidade juvenil e intensificar a presença e ação junto às juventudes.
6. Buscar maior leveza e agilidade institucional da VRC e ampliar as fronteiras congregacionais por meio da intercongregacionalidade, da partilha do carisma com outras pessoas e grupos de redes e parcerias.



“Fraternidade e a vida no planeta”

- Lixo: enfoque ecológico
- Água e meio ambiente

Sumário

Editorial

“Fraternidade e a vida no planeta”..... 73

Mensagem do Papa

Celebração das Vésperas na Festa da Apresentação do Senhor
por ocasião do XV Dia Mundial da Vida Consagrada..... 77

Mensagem

Irmã Dorothy, uma sagrada herança a ser defendida!
ZENILDA LUZIA PETRY 82

Informes

Fé, política e ecologia em meio aos excluídos
ANTONIO CECHIN..... 84

CRB e CNBB, sobre o tema Juventudes: parceria ou aliança?
RUBENS NUNES DA MOTA..... 93

Arte e cultura

A rede social
PLUTARCO ALMEIDA 101

Artigos

Lixo: enfoque ecológico
SINIVALDO S. TAVARES 106

Água e meio ambiente
ROBERTO MALVEZZI..... 120



CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB
ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL

Ir. Márian Ambrosio, dp

REDATOR RESPONSÁVEL

Pe. Plutarco Almeida, sj
MTb 2122

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO

Coordenadora:

Ir. Vera Ivanise Bombonato, fsp

Conselho editorial:

Ir. Helena Teresinha Rech, sst

Ir. Maria Freire, icm

Pe. Cleto Caliman, sdb

Pe. Jaldemir Vitório, sj

Pe. Roberto Duarte Rosalino, cmf

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507

Ed. Venâncio II

70393-900 - Brasília - DF

Tels.: (61) 3226-5540

Fax: (61) 3225-3409

E-mail: crb@crbnacional.org.br

www.crbnacional.org.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas

do PDF sob o n. P. 209/73

Projeto gráfico:

Manuel Rebelato Miramontes

Revisão:

Cirano Dias Pelin e Sandra Sinzato

Impressão:

Gráfica de Paulinas Editora

Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura anual para 2011: Brasil: R\$ 84,00
Exterior: US\$ 84,00 ou correspondente em R\$ (reais)
Números avulsos: R\$ 8,40 ou US\$ 8,40



CRB

Aos nossos assinantes,

Faz três anos que o valor da assinatura da nossa revista não sofre reajuste, apesar do aumento periódico nos preços do papel, tinta, transporte etc.

Como o nosso objetivo não é obter grandes lucros, e sim ajudar no processo de fortalecimento da VRC em todas as suas dimensões, temos a intenção de segurar o preço atual até onde for possível.

Com o objetivo de facilitar ainda mais a adesão dos nossos assinantes (e ex-assinantes também), **resolvemos ampliar o prazo de renovação da revista pelo preço antigo.** Este prazo agora se estende até o dia 31 de março de 2011. Portanto, quem assinar até esta data pagará o preço de 2010. Provavelmente haverá reajuste depois!

Fazemos um apelo aos nossos antigos assinantes no sentido de que retornem ao nosso convívio fraterno. A Convergência deve ter lugar privilegiado em todas as bibliotecas e salas de leitura das nossas casas religiosas.

Ficamos muito agradecidos e esperamos continuar contando com o seu apoio. Qualquer dúvida, por favor, entre em contato conosco através do e-mail <convergencia@crbnacional.org.br>.

COMO RENOVAR MINHA ASSINATURA?

Agora ficou mais simples e mais fácil!

1. Entre no site www.crbnacional.org.br e clique na seção “Convergência”.
2. Aparecendo o BOLETO BANCÁRIO, coloque o seu CPF ou o CNPJ da sua Instituição.
3. Imprima o boleto e pague no banco.

Não é mais necessário mandar o comprovante de pagamento via fax para a CRB Nacional, pois a confirmação será feita automaticamente, 48 horas depois do pagamento.

Se precisar de RECIBO, solicite-o a CRB Nacional via e-mail ou telefone.

Assinaturas novas: fazer o pedido através do nosso e-mail.

“Fraternidade e a vida no planeta”

73

EDITORIAL

Com grande alegria entregamos a vocês, irmãos e irmãs, consagradas e consagrados a serviço do Evangelho no tempo de hoje, mais um número da revista *Convergência*.

O tema predominante é o mesmo da Campanha da Fraternidade 2011: “Fraternidade e a Vida no Planeta”. Queremos afinar a nossa sintonia com a Igreja no Brasil neste momento forte que é a CF. Ao longo da Quaresma deste ano, somos chamados a refletir sobre as ameaças sofridas pelo meio ambiente e suas terríveis consequências para toda a humanidade.

O assunto é mais do que oportuno neste contexto mundial de discussão sobre o futuro do planeta. Por certo, de maneira nenhuma este debate deve ficar restrito aos organismos técnicos, uma vez que diz respeito a todos os habitantes do mundo e trata da sua própria sobrevivência. É claro que a Igreja, e a Vida Religiosa de um modo particular, não podem fugir dessa discussão nem muito menos se omitir. Somos todos (ou pelo menos deveríamos ser) corresponsáveis pela defesa da vida em todas as suas formas e expressões.

Convidamos, então, o Frei Sinivaldo, ofm, professor de Teologia no Instituto Teológico Franciscano de Petrópolis-RJ, para nos propor uma reflexão sobre o tema do lixo. Dentre os diversos (e complexos) temas relativos à ecologia atualmente, este talvez seja um dos mais importantes. Segundo o autor, a quantidade de lixo produzida individualmente é algo assustador:

[...] Quem sabe que cada pessoa produz a cada ano em média dez vezes o peso de seu corpo? Quem sabe que são de pet 80,5%

dos cerca de 10 bilhões de embalagens de refrigerantes (fora as de alimentos e outras) que circulam a cada ano no País e que pouco menos de 50% delas são recicladas – o restante vai para aterros, entupir as redes urbanas de drenagem ou o leito dos cursos d’água [...].

A coleta, o tratamento e a destinação final do lixo é um dos mais graves problemas enfrentados hoje em dia não só pelas metrópoles, mas também pelas cidades de menor porte. E é bom que se diga que na maioria dos nossos aglomerados urbanos os resíduos não recebem o tratamento e a destinação adequada. Aí estão os “lixões” a céu aberto para provar. Por outro lado, o povo brasileiro, infelizmente, tem o péssimo costume de jogar lixo nas ruas e faz isso sem o menor pudor! A dengue e outras doenças tão comuns em quase todo o território nacional nada mais são do que o resultado da falta de higiene e do descaso da população para com a limpeza. Lembram-se daquela antiga campanha do “Sugismundo”? Que falta faz!

Frei Sinivaldo conclui a sua reflexão dizendo que “no projeto de Deus não há lixo’. Pois, segundo seu desígnio salvífico, nada do que ele fez poderá ser substituído, ou descartado”.

Do lixo para a água! As duas coisas estão interligadas, não estão? O equilíbrio ecológico e o bem-estar da nossa gente depende da forma como estamos tratando o lixo e também a água. Os resíduos não tratados contaminam os mananciais de água, e sem água ninguém vive! *Convergência* publica o artigo de Roberto Malvezzi, leigo nordestino, assessor de diversos movimentos populares ligados à defesa da água. “Gogó”, como é popularmente conhecido nas pastorais, faz um rápido estudo sobre a questão da água no contexto da luta pela preservação da qualidade de vida no planeta e chama a atenção dos leitores para os grandes desafios que se apresentam neste momento, em especial para nós, brasileiros.

Um desses grandes desafios está no Nordeste. Trata-se da famosa (e milionária) obra do governo Lula, a transposição de águas do rio São Francisco. Para o autor,

enquanto o governo, políticos, empreiteiras e parte do episcopado da região apoia a obra, houve uma resistência visceral à sua implementação por parte da sociedade civil e também por parte de bispos, como Dom Frei Luiz Flavio Cappio, bispo de Barra, Bahia. Exatamente quando a humanidade enfrenta sua encruzilhada civilizacional, exigindo uma nova atitude diante da natureza, particularmente da água, o Brasil envereda por uma obra gigantesca, que visa a seu intenso uso econômico, negando na prática a prioridade humana e animal em seu uso. Além do mais, rasgando cerca de setecentos quilômetros de caatinga, com um canal de vinte e cinco metros de largura por cinco de profundidade, com uma margem de segurança de dois quilômetros e meio em cada margem do canal, a obra produz um imenso impacto ambiental na vegetação, nas comunidades, exatamente onde já se transforma em uma região desértica.

Ainda para nos ajudar a refletir sobre o tema da Campanha da Fraternidade 2011, *Convergência* publica uma experiência muito interessante do Ir. Antonio Cechin com os “carrinheiros”, os(as) catadores(as) de papel e papelão do centro de Porto Alegre-RS. Aqui está um exemplo bem concreto de uma inserção bem-sucedida da VR nos meios populares! Este trabalho é a prova de que, com criatividade, generosidade, ousadia profética e muita disposição, é possível, sim, ajudar os empobrecidos a resgatarem a esperança num futuro melhor. E esse futuro melhor não é melhor apenas para quem recolhe e recicla o lixo, é também para todo o planeta!

Esperamos que a experiência do Ir. Antonio Cechin possa, quem sabe, servir de base para outras iniciativas desse porte.

Com esta edição inauguramos também uma seção, digamos assim, de “amenidades”: Arte e cultura. Vamos falar sobre arte, literatura, cultura etc., na tentativa de levar aos(às) nossos(as) leitores(as) informações e comentários interessantes sobre esses temas, que geralmente não constam da “pauta” cotidiana das nossas comunidades religiosas, ou, às vezes, passam despercebidos.

No momento em que boa parte da imprensa e até mesmo alguns setores do governo tentam desprestigiar a Igreja

Católica (os casos de pedofilia, por exemplo), é bom lembrar a Ir. Dorothy, cujo aniversário de martírio celebramos no último mês de fevereiro. Se a Igreja, como se sabe, é ao mesmo tempo santa e pecadora, temos certeza de que Dorothy ficou com a primeira opção. E não apenas ela, mas também as centenas de religiosas e religiosos, padres, freiras, agentes de pastoral etc. que dedicaram e ainda dedicam as suas vidas em defesa da dignidade do povo mais empobrecido deste país. Quantos missionários e missionários católicos foram mortos pelo latifúndio no interior do Brasil? Quanto sangue já foi derramado para que o povo brasileiro tenha “vida, e vida em abundância”, como queria Jesus?

Lembrar a Ir. Dorothy nos traz saudades, mas ao mesmo tempo nos sentimos alegres porque sabemos que o seu trabalho, as suas intuições, as suas lutas não foram em vão. Tudo isso vai ficar como semente plantada no chão duro da terra amazônica, à espera de um dia poder brotar em forma de justiça, de paz e de pão para todos os pobres!

Desejamos a todos e a todas uma Quaresma bem vivida, bem rezada para ser bem aproveitada!

PADRE PLUTARCO ALMEIDA, SJ

Celebração das Vésperas na Festa da Apresentação do Senhor por ocasião do XV Dia Mundial da Vida Consagrada

77

MENSAGEM DO PAPA

Basílica Vaticana
Terça-feira, 2 de fevereiro de 2011

Prezados irmãos e irmãs!

Na festa hodierna contemplamos o Senhor Jesus que Maria e José apresentam no templo “para o oferecer ao Senhor” (Lc 2,22). Nesta cena evangélica revela-se o mistério do Filho da Virgem, o consagrado do Pai, que veio ao mundo para cumprir fielmente a sua vontade (cf. Hb 10,5-7). Simeão indica-o como “luz para iluminar as nações” (Lc 2,32) e anuncia com palavra profética a sua oferta suprema a Deus e a sua vitória final (cf. Lc 2,32-35). É o encontro dos dois Testamentos, Antigo e Novo. Jesus entra no antigo templo, ele que é o novo Templo de Deus: vem visitar o seu povo, obedecendo à Lei e inaugurando os tempos últimos da salvação.

É interessante observar de perto este ingresso do Menino Jesus na solenidade do templo, num grande “vaivém” de muitas pessoas, ocupadas com os seus afazeres: os sacerdotes e os levitas com os seus turnos de serviço, os numerosos devotos e peregrinos, desejosos de se encontrar com o Deus santo de Israel. Porém, nenhum deles se dá conta de nada. Jesus é um menino como os outros, filho primogênito de dois pais muito simples. Até os sacerdotes são incapazes de captar os sinais da nova e especial presença do Messias e Salvador. Só dois anciãos, Simeão e Ana, descobrem a grande novidade. Guiados pelo Espírito Santo, eles encontram nesse

Menino o cumprimento da sua longa espera e vigilância. Ambos contemplam a luz de Deus, que vem iluminar o mundo, e o seu olhar profético abre-se ao futuro, como anúncio do Messias: "*Lumen ad revelationem gentium!*" (Lc 2,32). Na atitude profética dos dois anciãos está toda a Antiga Aliança que exprime a alegria do encontro com o Redentor. Ao virem o Menino, Simeão e Ana intuem que ele é precisamente o Esperado.

A Apresentação de Jesus no templo constitui um ícone eloquente da doação total
vxprio cleoa

são chamados à vida consagrada. Na verdade, a profissão dos conselhos evangélicos coloca-os como sinal e profecia para a comunidade dos irmãos e para o mundo (ibid., n. 15).

Em segundo lugar, o ícone evangélico manifesta a profecia, dom do Espírito Santo. Contemplando o Menino Jesus, Simeão e Ana vislumbram o seu destino de morte e ressurreição para a salvação de todos os povos e anunciam tal mistério como salvação universal. A vida consagrada é chamada a tal testemunho profético, ligado à sua dupla atitude contemplativa e ativa. De fato, aos consagrados e consagradas é dado manifestar o primado de Deus, a paixão pelo Evangelho praticado como forma de vida e anunciado aos pobres e aos últimos da terra.

Em virtude desta primazia, nada pode ser preferido ao amor pessoal por Cristo e pelos pobres, nos quais ele vive. A verdadeira profecia nasce de Deus, da amizade com ele, da escuta diligente da sua Palavra nas diversas circunstâncias da história (ibid., n. 84).

Deste modo a vida consagrada, na sua vivência diária pelos caminhos da humanidade, manifesta o Evangelho e o Reino já presente e concreto.

Em terceiro lugar, o ícone evangélico da Apresentação de Jesus no templo expressa a sabedoria de Simeão e Ana, a sabedoria de uma vida dedicada totalmente à busca do rosto de Deus, dos seus sinais, da sua vontade; uma vida dedicada à escuta e ao anúncio da sua Palavra.

“Faciem tuam, Domine, requiram”: busco a vossa face, ó Senhor (Sl 26,8)... A vida consagrada é no mundo e na Igreja sinal visível desta busca do rosto do Senhor e dos caminhos que a ele conduzem (cf. Jo 14,8)... A pessoa consagrada testemunha, portanto, o empenho alegre e diligente da busca assídua e sábia da vontade divina (cf. Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e para as Sociedades de Vida Apostólica, Instrução *O serviço da autoridade e a obediência. Faciem tuam Domine requiram* [2008], n. 1).

Caros irmãos e irmãs, sede ouvintes assíduos da Palavra, porque toda a sabedoria de vida nasce da Palavra do Senhor! Sede perscrutadores da Palavra através da *lectio divina*, porque a vida consagrada

nasce da escuta da Palavra de Deus e acolhe o Evangelho como sua norma de vida. Deste modo, viver no seguimento de Cristo casto, pobre e obediente é uma “exegese” viva da Palavra de Deus. O Espírito Santo, por cuja virtude foi escrita a Bíblia, é o mesmo que ilumina “a Palavra de Deus, com nova luz, para os fundadores e fundadoras. Dela brotou cada um dos carismas e dela cada regra quer ser expressão”, dando origem a itinerários de vida cristã marcados pela radicalidade evangélica (*Verbum Domini*, n. 83).

Hoje vivemos, sobretudo nas sociedades mais avançadas, uma condição muitas vezes marcada por uma pluralidade radical, por uma marginalização progressiva da religião da esfera pública, de um relativismo que atinge os valores fundamentais. Isto exige que o nosso testemunho cristão seja luminoso e coerente, e que o nosso esforço educativo seja cada vez mais atento e generoso. A vossa obra apostólica, em particular, diletos irmãos e irmãs, se torne empenho de vida que acede com paixão perseverante à Sabedoria como verdade e beleza, “esplendor da verdade”. Sabei orientar com a sabedoria da vossa vida, e com a confiança nas possibilidades inesgotáveis da verdadeira educação, a inteligência e o coração dos homens e das mulheres do nosso tempo em relação à “vida boa do Evangelho”.

Neste momento, dirijo o meu pensamento com carinho especial a todos os consagrados e consagradas, em todas as partes da terra, enquanto vos confio à Bem-Aventurada Virgem Maria:

Ó Maria, Mãe da Igreja,
confio-te toda a vida consagrada,
para que lhe obtenhas a plenitude da luz divina:
viva na escuta da Palavra de Deus,

na humildade do seguimento de Jesus,
teu Filho e nosso Senhor,
no acolhimento da visita do Espírito Santo,
na alegria diária do *magnificat*,
a fim de que a Igreja seja edificada
pela santidade de vida
destes teus filhos e filhas,
no mandamento do amor. Amém!

PAPA BENTO XVI

Irmã Dorothy, uma sagrada herança a ser defendida!



ZENILDA LUZIA PETRY, IFSJ*

No último dia 12 de fevereiro recordamos o sexto ano de martírio de Ir. Dorothy Stang. Recordar é trazer novamente ao coração (re + cordar), é fazer memória viva e afetiva de algo ou de alguém que soube intuir o coração da existência, que soube colocar seu projeto nas estrelas, que penetrou no mistério mais profundo do ser e do fazer.

Nessa caravana de pessoas significativas da história, Ir. Dorothy certamente foi uma madrugadora de novos tempos. Seu olhar rompeu fronteiras e transpôs horizontes perceptíveis somente por pessoas revestidas de uma mística evangélica, própria de grandes profetas.

Em tempos de sedução pelo lucro, de ganância voraz, de demolição do planeta Terra, de ilimitada cobiça pela Amazônia, de consumo insustentável, Ir. Dorothy intuiu a presença divina à “brisa do dia” (cf. Gn 3,8) da floresta, apostou no manejo inteligente da riqueza natural, acreditou na harmonia originária da obra do Criador com o ser humano, este como cultivador do jardim criado. Ir. Dorothy mergulhou no mistério de Deus, que concede ao ser humano usufruir de todos os frutos do jardim, como nos relata o Livro do Gênesis, sendo-lhe vedado o acesso à árvore da vida (Gn 2,17), ou seja, é negado ao ser humano o acesso à manipulação da vida. A vida não pode ser violada, pois é da esfera divina.

Ir. Dorothy compreendeu tal ordem divina de forma muito concreta. A vida das pessoas, das florestas, dos

* **Irmã Zenilda Luzia Petry** é religiosa da Congregação das Irmãs Franciscanas de São José, presidente da CRB Regional Belém-PA e membro da Equipe de Reflexão Bíblica da CRB Nacional. **Endereço da autora:** Rua Oseias Silva, 104-B, CEP 67030-970, Bairro Guanabara, Ananindeua-PA.

animais, toda a biodiversidade do planeta Terra deve ser preservada. Traduzindo em ação concreta, deixou-nos como herança o PDS – Projeto de Desenvolvimento Sustentável, projeto que se tornou referência para quem busca propostas alternativas de vida neste chão. Pela intuição e sonho do projeto, o PDS poderia ser traduzido não mais como Projeto de Desenvolvimento Sustentável, mas como Plano Divino de Salvação da Amazônia.

Na sua sedutora trajetória, Ir. Dorothy deixou-nos uma herança sagrada que sofre constantes ameaças de dilapidação, depredação, destruição. A ordem divina de não aproximação da árvore da vida continua sendo violada. Derrubam-se florestas, cobiçam-se terras, destroem-se sonhos.

A herança de Ir. Dorothy necessita de anjos postados às portas do paraíso (Gn 3,24), para proteger e defender o jardim da voracidade depredadora das serpentes de todos os tempos. Cabe a cada pessoa de boa vontade defender esta sagrada herança.

Fé, política e ecologia em meio aos excluídos

ANTONIO CECHIN, FMS*

Se há um grupo humano que pode ser considerado *símbolo* por excelência dos excluídos é bem o dos catadores, papaleiros ou “carrinheiros”. A opinião pública costuma designá-los simplesmente lixeiros. Vítimas do pior dos preconceitos, há quem se permita o luxo de um “buzinaço” de dentro de seu automóvel ao esbarrar com eles, nas sinaleiras. Isso quando, de passagem, não lhes atira algum palavrão como brinde.

Depois de mais de uma dezena de anos de *inserção* em periferias, fomos impactados pela quantidade desses “carrinheiros” que circulam no centro da cidade, arrastando pelas ruas suas pesadas cargas de até trezentos quilos, quais autênticos animais de tração, explorados por todo tipo de intermediários, que, às vezes, não lhes pagam mais que uma simples garrafa de cachaça.

“*Misereor super turbam*” [“Sinto compaixão dessa multidão”] (Mt 15,32) foi o desabafo de Jesus ao contemplar a multidão carente e sofrida de sua terra. Idêntico sentimento foi tomando conta de nós. Como ajudá-los a se ajudarem?

* **Irmão Antonio Cechin** é Marista e militante de movimentos sociais. **Endereço do autor:** Rua Coronel Vicente, 44, apto. 130, CEP 90030-040, Porto Alegre-RS. **E-mail:** cechin@portoweb.com.br.

Com o andar dos dias, não sem pouca consulta aos próprios interessados, eis que chegara a hora de “fazer a cobra fumar!”. “Deus ajuda a quem cedo madruga”, diz a sabedoria popular. “A luta faz a lei!” costumam sentenciar os mais afoitos dos Movimentos Populares.

Uma primeira etapa foi consumida em tentativas de persuasão, junto à Administração Popular. Chegamos até a sugerir três áreas passíveis de cedência, nem que fosse a título precário. Mais tarde, feita a experiência-piloto, voltaríamos a conversar e a encaminhar melhor as coisas. O caminho se mostrou infrutífero. De repente, é Deus a nos mostrar que vai à nossa frente. Aí nos lembramos do alerta de Jesus: “Meu Pai trabalha sempre, [...]” (Jo 5,17). Se não tivéssemos fé, diríamos que por mero acaso – essas coisas que pelos caminhos naturais não se explicam de jeito nenhum – demos de cara, na zona Norte de Porto Alegre, na Vila Farrapos, com um casal de obreiros da Igreja Evangélica “Assembleia de Deus”. Gente pobre. Ele, da construção civil, “havia passado para o papel” – expressão sua – quando da grande onda de desemprego, em meados da década de 1980. Ela, negra, vinha de movimentos populares, trabalhadeira que só vendo!... Assessorados por alguns profissionais liberais, haviam conseguido pessoa jurídica para uma cooperativa de “carrinheiros”. Era mais cooperativa-fantasma que de verdade.

Para que criarmos novo grupo se já existia, entre gente pobre, antes que nós chegássemos, vontade de ser? Juntamos esforços, dentro do mais sadio ecumenismo. Botamos a cabeça para funcionar em torno do grande objetivo: conseguir uma área. Os encontros eram sempre iluminados por passagens bíblicas e orações. Tudo foi ficando claro para nós: os pobres “carrinheiros” estavam aí, explorados por todos os lados. Exerciam, em favor da cidade, um dos serviços mais importantes na era da ecologia, a *custo zero para os cofres públicos*, e a cidade continuando insensível ao seu clamor. Contudo, se os homens são surdos, Deus, em compensação, é todo ouvidos ao grito dos oprimidos (Ex

3,7). Cheios de fé, abraçados com Deus, intuímos que tínhamos de conquistar o nosso espaço.

O Mestre Jesus nos diz que quando alguém parte para uma guerra com dez mil soldados a fim de enfrentar um inimigo que vem com vinte mil deve pensar direitinho se tem chance de vitória. Do contrário, antes de empreender a batalha manda alguém à frente, com bandeira branca, a fim de negociar a paz (Lc 14,31-33). Medimos as forças de lá e de cá. Lá, a Prefeitura do município, com todo o seu poderio baseado em leis, regulamentos e toda uma parafernália de secretarias, funcionários etc. Um autêntico Golias. Aqui, nós, assessores, grudadinhos nos excluídos carrinheiros. Assessores, porém com todo um passado de lutas, de organização de Comunidades Eclesiais de Base e Movimentos Populares, com nossos títulos e nossas influências, tais como o fato de termos sido professores de gente ilustre que anda por aí.

Os papeleiros, precisamente por serem fracos, armados com a força mesma de Deus, a *“força histórica” dos pobres*, na expressão de Gustavo Gutiérrez, fundador da Teologia da Libertação. Sentimo-nos legítimos herdeiros do jovem Davi com sua funda. O Dia D do grande embate se avizinhava. “Sede prudentes como as serpentes e simples como as pombas” (Mt 10,16) é um dos motes deixados por Jesus. Em outro trecho do Evangelho, ele lastima que “os filhos deste mundo são mais espertos em seus negócios do que os filhos da luz” (Lc 16,8).

Montada a estratégia, dividimos as tarefas. O casal de obreiros, chefes da cooperativa, convocariam vinte companheiros, trabalhariam as consciências deles e nós trataríamos de arranjar os vinte carrinhos. Cada unidade estava orçada em R\$ 280 (duzentos e oitenta reais), o que perfazia a soma total de R\$ 5.600 (cinco mil e seiscentos) reais. De um jeito ou de outro, teríamos de “descolar essa grana”, como eles diziam. O Espírito Santo, que é o Espírito de Jesus, a Divina Luz, desceu sobre nós e nos iluminou, fornecendo-nos um caminho. Batemos às portas de um ex-aluno, diretor ao mesmo tempo do Banrisul (Banco

do Estado do Rio Grande do Sul) e da Caixa Econômica Estadual, e oferecemos a lateral dos carrinhos como espaço de propaganda para Banco e Caixa, pelo tempo de um ano, em troca do valor dos veículos. A ideia foi aceita e não precisamos desembolsar um único centavo. Ficou acertada a inscrição propagandística: “Campanha pelo emprego – Colaboração Bannisul e Caixa Econômica Estadual”.

Na parte traseira dos carrinhos, nossos “crentes” queriam que estivesse escrita uma frase bíblica, preferencialmente do Antigo Testamento. Conversa vai, conversa vem, apesar de fundamentalistas honestos – como costumam ser os da “Assembleia de Deus”– acabamos aceitando que, bom mesmo é *sempre encostar a Bíblia na vida*. A partir da realidade do mundo de hoje, qual seria o significado escondido e mais profundo de um “carrinheiro” para a sociedade urbana que aí está?

Lendo juntos o Livro do profeta Jonas, “caiu-nos a ficha”: conseguimos ver no “carrinheiro” nada mais nada menos que um autêntico *Profeta da Ecologia*, bem na linha de Jesus. O educador Paulo Freire, em sua *Pedagogia do oprimido*, afirma que, “quanto mais oprimida uma pessoa, mais silenciosa”. Corroborando essa afirmativa, aí está o oprimido por excelência das metrópoles de hoje, o “carrinheiro”, totalmente silencioso. Se não fala nada, é exatamente porque é todo ação, nem lhe sobraría tempo para discursos. Até parece que nasceu talhado para a práxis.

Com sua ferramenta coletora, circula pelo centro da cidade, recolhendo lixo aqui, ali e acolá. Fazendo isso, como qualquer dos profetas bíblicos, *denuncia* e ao mesmo tempo *anuncia*. A um só tempo, dá uma má e uma boa notícia. Como Jonas na cidade de Nínive, o catador, juntando lixo a mais não poder, com esse seu agir frenético, diz que a sociedade consumista, dentro de sua orgia neoliberal, será destruída (Jn 3,4). A continuar poluindo do jeito que vai, com essas montanhas de rejeitos por toda a parte, com essa produção de alimentos à base de agrotóxicos, com essas emanações para a atmosfera de gases que destroem a camada de ozônio, não sobrá ninguém dentro de não muitos anos.



A cidade capitalista consumista está com os dias contados. A Nínive moderna cairá.

Reciclando o lixo que recolhe, através da reutilização dos materiais, devolvendo matéria-prima para as indústrias, o papelheiro está também dando uma Boa-Notícia. Anuncia a nova sociedade que vem por aí, na era da ecologia, quando estaremos todos de bem com a vida, em harmonia com a natureza. Ele mesmo, como “carrinheiro” novo, sacudindo seu individualismo, trabalhando em mutirão, em associação com seus companheiros, através de uma economia solidária, anuncia as novas relações entre os seres humanos. Não mais de exploração, mas relações de cooperação, de fraternidade, de mútuo auxílio. O princípio básico da nova sociedade, da qual a organização dos “carrinheiros” é um pequeno sinal, é: “De cada um de acordo com suas possibilidades para cada um de acordo com suas necessidades”. Solidariedade a toda prova.

Finalmente, raiou o dia D: 27 de setembro de 1994. Às 7 horas de linda manhã primaveril, lá estavam, esperando, os vinte “carrinheiros”, na porta da fábrica, no bairro Niterói, em Canoas. Pelo portão aberto, saem os vinte carrinhos novos, com as cores ecológicas e bem brasileiras: o verde e o amarelo. Nas laterais, a propaganda bancária. Atrás, em letras garrafais: PROFETA DA ECOLOGIA.

A um sinal de apito do presidente da cooperativa, a partida. Rua afora, bem na hora do pico matinal. Atravessamos a federal (BR 116), subimos e descemos viadutos, cada “carrinheiro” com seu apito na boca. Saindo de Canoas, a entrada solene em Porto Alegre, em fila indiana com mais de cem metros, bandeira nacional à frente, ladeada pelo emblema do cooperativismo. Tudo engendrado por eles, para grande surpresa nossa. E depois há gente que não acredita que, além de pão, o povo tem fome de organização, de beleza, de ritos.

Engarrafamos o trânsito na avenida Farrapos, na rua Alberto Bins e outras ruas movimentadíssimas a essa hora da manhã. Adentramos pela rua da Praia – precisamente na parte frequentada só por pedestres –, o calçadão.

Descemos outra quadra da avenida Borges, cruzamos a frente da Prefeitura apitando mais forte, como prenúncio da escaramuça de logo a seguir. Estacionamos diante da sede central do Banrisul, na praça da Alfândega. Perfilados, em ordem unida, recebemos solenemente a diretoria do Banco, que fez a entrega oficial dos carrinhos por ela patrocinados. Discursos, palmas, fotografias, como convém a um fato que queríamos marcar para a cidade e principalmente para os meios de comunicação de massa. Não faltou nem a música, que foi produzida por um “carrinheiro-saxofonista”. Seu instrumento, de dar dó de tão velho e gasto, mereceu especial atenção do diretor do Banco, que o presenteou com um novo, uma semana depois.

Finda a cerimônia, caminho de volta até diante da Igreja Nossa Senhora dos Navegantes, do outro lado do Trensurb. Ali ocupamos uma área de mais de mil metros quadrados. Acabávamos de percorrer, a pé, sempre puxando os carrinhos, em torno de quinze quilômetros.

Como sinal da tomada de posse do terreno, plantamos uma maloca bem no centro da área, para servir de escritório e... mãos à obra, que o dia é curto e o “carrinheiro” precisa garantir o pão e o leitinho das crianças. O trabalho começou no mesmo instante: quem buscando papel no centro com os flamantes carrinhos zero quilômetro, quem separando os materiais e quem enfiando.

Era meio-dia quando os olheiros da Prefeitura começaram a se alertar para a “invasão”. O estrupício tinha de chegar até o gabinete do prefeito e este deu ordem de despejo imediato. Departamento Municipal de Habitação (DEMHAB), Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU) e outros órgãos teriam de executar a determinação. Chega um lote de funcionários, munidos de caçambas e outras ferramentas, como pás, enxadas, carrinhos etc. Mas lá estávamos nós também, acampados e esperando pelo que desse e viesse. Fazendo uso de nosso diploma de advogado, iniciamos os “carteiraços”: “Não podiam tocar em ninguém!... Todos eram clientes nossos!”. “Como é que podiam despejar se estávamos parlamentando diretamente

com o senhor prefeito?!” Não era exatamente isso. Só força de expressão.

Na verdade, extravasávamos a esperança de que as negociações acontecessem. Para tanto, três dias antes tínhamos plantado a informação de que invadiríamos a área junto a um grande amigo nosso, ocupante de uma das secretarias da Prefeitura e que conosco batalhara desde os tempos de juventude – o movimento de Ação Católica – com a recomendação: “Dia 27!... Até lá, boca fechada!... Quando acontecer, lembra-te de nós junto ao prefeito!...”. Com esse torneio de frase nos lembramos da figura do “bom ladrão”, junto à cruz de Jesus, que, segundo Santo Agostinho, “depois de roubar a vida toda, acabou roubando o próprio céu” (Lc 23,42).

É que também nos havíamos lembrado de uma dica de Lebet: “Quando vocês quiserem mudar uma estrutura, têm de começar por construir uma base dinâmica. Tendo isso garantido, procurem se infiltrar em todos os escalões intermediários, desde os mais baixos até os mais altos...”. Nossa base dinâmica estava ali, na pessoa daqueles vinte heróis que decidiram correr o risco junto conosco e aquele amigo secretário municipal era uma das nossas mais significativas infiltrações. Soubemos mais tarde que desenvolveu esforço hercúleo junto do prefeito, como convém a um verdadeiro defensor dos pobres.

Outro item que contou muito dentro de nossa estratégia foi a lembrança do dito de Frei Betto: “Governo é que nem feijão, só cozinha mesmo em panela de pressão!”. Em reuniões do “orçamento participativo” ouvíamos dúzias de vezes, tanto do prefeito quanto de gente da Administração Popular, a seguinte frase: “Gostamos de administrar sob pressão!”. Pois então, “a pressão fica por nossa conta e a administração por conta deles! Nós vamos fazer a nossa parte e que eles façam a deles!”.

Foram três horas de muita tensão. No local da “invasão”, às turras com funcionários de escalões inferiores, tinha de ser mesmo na base do grito e do “carteiraço”. À semelhança de Moisés, nós nos mantivemos firmes, como se víssemos

o invisível (cf. Hb 11,27). Aquele que ouve o clamor dos pobres estava ali, dando-nos força e coragem, apesar de ameaça até de prisão. Também tínhamos certeza de que estávamos sob os cuidados maternais de Nossa Senhora Aparecida, padroeira de nossos catadores e “madrinha dos que não têm madrinha”, no dizer do Negrinho do Pastoreio.

De repente, o clima desanuviou. A Prefeitura suspendeu o despejo e do gabinete do prefeito recebemos o convite para a negociação de um convênio. O exército da Prefeitura deu o toque de retirada e ficamos só nós, em atitude de profundo agradecimento aos céus. Os “muros” de Porto Alegre, à semelhança das muralhas da cidade de Jericó, haviam caído, não já com o simples soar de trombetas (Js 6,1-20; Jz 7,4-7; 19-22), mas ao simples silvo dos minúsculos apitos dos nossos vinte gedeões, os excluídos “carrinheiros”.

Poucos dias depois foi assinado o convênio entre a Prefeitura e os “Profetas da Ecologia”, pessoa jurídica que acabáramos de fundar e que reúne leigos cristãos militantes voluntários, unidos em função de serviço a movimentos populares. A Prefeitura nos cedia o terreno e nós nos comprometíamos a conseguir dinheiro para construir aquilo que se constituiria o primeiro “Galpão de Carrinheiros” organizados da capital e também do próprio estado do Rio Grande do Sul, o galpão dos PROFETAS DA ECOLOGIA, situado à rua Voluntários da Pátria, 4201, bem pertinho do *Shopping DC Navegantes*, diante da Igreja de Nossa Senhora dos Navegantes, do outro lado dos trilhos do Trensurb. O prédio caprichado é fruto de doações da *Caritas*, da Alemanha; do Scottish Catholic International Aid Fund (SCIAF), da Escócia; da USBEE etc. Foi inaugurado solenissimamente no Natal de 2009, com a consagrada presença do prefeito e do arcebispo.

Conclusão

Todos somos políticos, queiramos ou não. Pertencendo a partido político ou não. Individualmente ou ligados a grupos, pequenos ou grandes, todos, sem exceção, fazemos política, tenhamos consciência do fato ou não, de dia ou

de noite, fora de casa ou dentro dela. Cada qual tem sua trajetória particular no mundo, com sua própria história e, conseqüentemente, sua esfera de influência. O segredo está em colocar tudo isso, que nada mais é que poder maior ou menor, a serviço da melhor das políticas. E é nesse ponto que constatamos uma das maiores omissões de nosso tempo. Num país onde as massas são tão miseráveis, quanta omissão! Quanto poder político malbaratado!

Se somos políticos pelo simples fato de sermos cidadãos, no terreno da fé as coisas são um pouco diferentes. Nós nos tornamos pessoas de fé por opção. A fé é da esfera da liberdade e do amor. Só se ama por decisão profunda do próprio ser. Se juntamos corretamente *Fé e Política*, na linha de opção pelos pobres o *Evangelho vira dinamite*.

CRB e CNBB, sobre o tema Juventudes: parceria ou aliança?

93

RUBENS NUNES DA MOTA, OFMCAP*

Queremos de forma breve mostrar ao leitor e à leitora da revista *Convergência* como tem sido a relação da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) com o Setor Juventude da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) com referência ao tema Juventudes.¹

Colocar uma interrogação no tema tem a intenção de provocar uma maior reflexão sobre essa aproximação e de nos percebermos como Igreja. O que compreendemos sobre cada terminologia e o que buscamos?

Parcerias, redes e alianças

Parceria é definida pelo dicionário *Aurélio* como “reunião de pessoas para um fim de interesse comum; sociedade, companhia”. Sendo interesse, pode ser pontual, somente para uma atividade de interesse, mas sem unidade no projeto maior. Percebemos que esse tem sido um termo muito utilizado para aproximação de entidades distintas em sua identidade, mas que se unem (formam parcerias) diante de temas ou interesses comuns.

Rede tem o sentido de adesão a partir de interesses comuns e amplos. Tem uma estrutura horizontal, articulando pessoas e grupos. Busca uma forma circular quanto às informações mais significativas que dão sentido à ação comum.

Aliança, aqui utilizada, é um termo bíblico que tem sua origem no Livro do Êxodo. A Aliança é estabelecida quando Deus faz um pacto com o povo: “Tu serás o meu povo e eu serei o teu Deus” (cf. Ex 20). Aliança, inspirada

* **Frei Rubens**

Nunes da Mota

é religioso capuchinho, mestrando em Psicologia pela Universidade Católica de Brasília-DF, assessor executivo nacional da CRB para o Setor Juventudes. **Endereço do autor:** SGAS Qd. 906 Conj. D, CEP 70390-060, Brasília-DF.

E-mail: freirubens@crbnacional.org.br.

1. Juventudes: no plural, entendendo a diversidade dos jovens que estão no âmbito eclesial, mas também, e principalmente, os jovens que não fazem parte desse meio.

nesse encontro com Deus, é ser Igreja a partir da relação de pessoas que têm a mesma fé e que se propõem o mesmo projeto, a edificação de seu Reino.

Somos Igreja

Mesmo sendo uma organização religiosa de pleno direito canônico que se constitui interlocutora qualificada com a Sé Apostólica no que tange à Vida Consagrada no Brasil, a CRB é Igreja e faz questão de manter o diálogo com nossos pastores, tanto na contribuição para o processo eclesial quanto para exigir nosso protagonismo enquanto religiosos e religiosas que temos uma contribuição própria a ser valorizada e respeitada.

Sobre as iniciativas próprias da Assessoria ao tema Juventudes, estamos em plena sintonia com o Setor Juventude da CNBB, buscando somar forças não só com a Conferência dos Bispos, mas com os Institutos religiosos e Grupos Seculares (não eclesiais) que se dedicam ao serviço das diversas Juventudes.

Outra importante Aliança se dá no campo da sustentação financeira, favorecendo o projeto maior de Formação de Lideranças que trabalham junto às Juventudes. Nesse campo formamos Aliança com a *Adveniat* (instituição da Igreja alemã) e parceria com a *PORTICUS* (instituição brasileira). Tal apoio financeiro ajuda a ampliar as possibilidades de visão e atuação da CRB, bem como a concretizar sua missão.

Visão e missão

A visão da CRB é identificada por sua espiritualidade evangélica, pelo testemunho da partilha, pela opção preferencial e audaciosa pelos empobrecidos e excluídos, pela profecia e anúncio missionário e pela acolhida e resposta às exigências dos novos tempos.

Percebida como articuladora e dinamizadora dos compromissos com a evangelização em lugares de fronteira, promove o diálogo e a colaboração intercongregacional

e outras atividades missionárias em parceria e aliança. Como entidade cidadã, é reconhecida pelo compromisso com a causa da justiça, da paz, da reconciliação, e por sua articulação com outras organizações da sociedade.

Como missão, a CRB mantém fidelidade ao chamado do Espírito, assumindo a animação, a articulação e o acompanhamento da Vida Religiosa no Brasil, no seguimento a Jesus Cristo e no seu serviço profético-testemunhal. Promove a comunhão na diversidade de dons e carismas e incentiva a construção de novas relações intercongregacionais, eclesiais e sociais.

Tema comum com o Setor Juventude: Juventudes

O Setor Juventude é uma atividade permanente da CNBB, que trabalha com as Juventudes do meio eclesial há muitos anos. A CRB Nacional assumiu o tema Juventudes como prioridade em dois triênios (2007-2010 e 2010-2013). Enquanto Conferência dos Religiosos, buscamos articular nossa Assessoria com os demais segmentos, espaços e instituições que acompanham as Juventudes, buscando aproximar a Vida Religiosa das Juventudes fora do meio eclesial e incentivar a mesma a assumir Assessoria às Juventudes do meio eclesial. Dentre esses segmentos está o Setor Juventude da CNBB, como organização com a qual buscamos somar forças em prol de nossa missão junto ao público juvenil e seus grandes desafios e conquistas.

Caminhos distintos, mesmo destino: Juventudes

Para conseguirmos a integração das prioridades que dizem respeito à temática Juventudes entre as vinte Regionais da CRB no Brasil, percebemos que é necessário incentivar o intercâmbio de experiências entre as próprias Congregações religiosas. Além das alianças mencionadas, que fortalecem a Vida Religiosa no processo de aproximação e trabalho

com as diversas Juventudes, é necessário que haja espaços de socialização e comunhão dos diversos trabalhos que cada Congregação vem fazendo de forma isolada.

O apelo é para não só termos alianças com o Setor Juventude da CNBB como também formarmos essa rede entre nós, Congregações religiosas, para articularmos nossas Assessorias enquanto CRB Nacional e Regionais. Somando forças internas, poderemos ir ao encontro de outros segmentos, espaços e instituições que acompanham as diversas Juventudes, tanto no campo eclesial quanto fora do âmbito eclesial, buscando aproximar a Vida Religiosa dos jovens.

Outra aliança importante é com a Comissão Episcopal Pastoral para os Ministérios Ordenados e Vida Consagrada. Esse serviço na CNBB vislumbra o trabalho com os Ministérios e Vocações. Nossa aliança se propõe ser uma ajuda para uma melhor compreensão sobre o Serviço de Animação Vocacional no Brasil. Pretende alertar que esse processo vocacional deve valorizar a vida acima de todas as pretensões institucionais e buscar novas formas de discernimento e trabalho junto às Juventudes e como Vida Religiosa.

Missão comum junto ao Setor Juventude

A primeira questão é expressar que a CNBB tem um “Setor Juventude” consolidado há muitos anos. Essa instância é para acompanhar as Pastorais de Juventude e os Movimentos Juvenis Eclesiais. Já a CRB tem uma Prioridade Juventudes ocasional, que, no triênio 2007-2010, visou atingir as Juventudes fora do meio eclesial e, no triênio 2010-2013, ampliou essa temática: além de continuar o processo de aproximação das Juventudes não eclesiais, pretende incentivar a Vida Religiosa para acompanhamento e assessoria junto às Juventudes eclesiais.

Para entendermos a missão comum, é preciso antes conferir as diferenças. Dois são os motivos básicos que nos distinguem: o primeiro é sinalizar que a CRB Nacional,

tendo uma prioridade nesse triênio, pode não tê-la no próximo. Não para assustar, mas sim para alertar que se faz necessário tomar consciência de que temos a grande missão de levar as CRBs Regionais ao nível de autonomia e capacidade de dar continuidade ao trabalho independente das Assessorias nacionais. O segundo motivo é mostrar que existem focos diferentes entre o Setor Juventude da CNBB e a ação Juventudes da CRB. Enquanto a CNBB busca organizar o Setor Juventude em cada Arquidiocese, Diocese e Prelazia e se ocupar da jornada mundial, a CRB está interessada na aproximação com as Juventudes que estão fora do meio eclesial e incentivar a Vida Religiosa a acompanhar através de Assessoria as Juventudes eclesiais.

Contudo, acima das diferenças constitutivas enquanto Organismos das duas Conferências, é preciso trabalharmos juntas, pois nossa missão é comum: as Juventudes!

Principais trabalhos que envolvem a aliança entre a CRB e o Setor Juventude da CNBB

Um dos principais eventos, que já vai para sua décima sexta edição em 2011, é o Encontro Nacional das Congregações que Trabalham com Juventudes. Esse encontro acontece anualmente na terceira semana de setembro e tem como objetivos a socialização das diversas experiências das Congregações e seus trabalhos junto às Juventudes, bem como proporcionar temas formativos sobre necessidades emergentes sobre Juventude.

Outro espaço de grande importância em nível de articulação nacional é a Comissão Colegiada do Setor Juventude (CCSJ). Essa comissão é composta de assessores das Pastorais, Movimentos e Organismos ligados à CNBB. Os atuais membros do CCSJ são: Dom Eduardo Pinheiro, bispo referencial para o Setor Juventude; Padre Carlos Sávio, assessor Nacional do Setor Juventude, CNBB; Hildete Emanuele, Pastoral da Juventude; Ana Marcela, Pastoral da Juventude Estudantil; Renato Rocha, Equipes Jovens de Nossa Senhora; Márcio Zolim, Ministério Jovem

da RCC; Diogo Victor, Comunidade Católica Shalom; Padre Toninho Ramos de Prado, Salesianos; Mauro Xavier, CNLB; Frei Rubens Nunes da Mota, ofmcap, CRB Nacional; Padre Jorge Boran, Centro de Capacitação da Juventude; Padre Alex Cordeiro, Perito; Solange Rodrigues, Iser-Assessoria; Ney Sá, Pastoral Vocacional; Irmã Silvana Sampaio Gomes, Pastoral Afro; Leonardo Calvacanti, Setor Universitário; Maria Calado, Pastoral Familiar; Irmão Luiz André, Marista.

Podemos perceber o objetivo dessa Comissão na fala de Dom Eduardo, bispo referencial para o Setor Juventude:

A CCSJ nasceu da necessidade do Setor Juventude olhar a Juventude em seu todo e buscar entender essa realidade juvenil que é complexa, desafiadora, com grande diversidade de atuação, tanto no meio da juventude, como também no meio eclesial.

A função da Comissão é ajudar esse Setor a refletir as Juventudes. Todo esse caminho é tanto para o enriquecimento da visão da Igreja quanto de proposta para que se atue com mais força no meio desse grupo. São necessárias e enriquecedoras as várias visões e várias formas de articulação de trabalho com as Juventudes. Essa Comissão não é grupo de articulação ou grupo que fica realizando atividades. Para essas temáticas existem outros elementos.

Percebida assim, a CCSJ é um espaço fértil de reflexão e crescimento a partir das diferenças entre as Pastorais, Movimentos e Organismos.

Aliança com a Comissão Episcopal Pastoral para os Ministérios Ordenados e Vida Consagrada da CNBB

O tema Juventudes encontra nesta Comissão a aliança acerca do Serviço de Animação Vocacional (SAV). A CRB Nacional busca respeitar e fazer parte do processo de reflexão que a Igreja do Brasil faz em todas as áreas. As reflexões sobre o SAV têm crescido muito, ampliando nossa compreensão

teológica sobre que tipo de Pastoral Vocacional deve ser feito na atualidade. Foram três Congressos Vocacionais realizados pela CNBB para reflexão da temática no Brasil. Em todos eles a CRB se fez presente, ajudando e aprendendo, enquanto Igreja do Brasil, a acertar neste processo de evangelização. No último Congresso, realizado em setembro de 2010, foram nove religiosas e religiosos representando a CRB. De 29 de janeiro a 5 de fevereiro de 2011 aconteceu o segundo Congresso Vocacional da América Latina e Caribe em São José, Costa Rica, promovido pela Conferência Episcopal Latino-Americana (Celam). Estivemos juntos(as) também nesse evento, consolidando nossa contribuição.

Desafios encontrados

É perceptível que as alianças fortalecem nossa ação e possibilitam maiores condições para atingirmos os objetivos. Contudo, não é fácil sintonizarmos a soma dessas forças nos trabalhos conjuntos com a compreensão na forma de construirmos o caminho.

Alguns dos desafios percebidos dizem respeito ao acompanhamento das Juventudes. Esse termo no plural já quer mostrar a diversidade de organizações juvenis que temos, tanto no meio eclesial quanto na esfera não eclesial. A compreensão dessa diversidade nem sempre tem sido positiva, pois não raro alguns segmentos juvenis são rotulados como “alienados”, no caso dos Movimentos, ou como “baderneiros e comunistas”, no caso das Pastorais de Juventude.

Impõe-se refletir a fala de Lorenz, mostrando ser responsabilidade nossa, enquanto Igreja, a situação dessas Juventudes:

Quando um jovem perde a herança espiritual da cultura em que se formou e não encontra nenhum substituto no imaterial, vê-se diante da impossibilidade de identificar-se com algo ou com alguém [...] Quem perdeu a herança espiritual da cultura é verdadeiramente deserdado [...] Não nos surpreendamos,

pois, que ele busque um último apoio na couraça anímica de recalcitrante autismo que o transforma em adversário da sociedade (Lorenz, 1979, p. 224-225).

Com esse texto, convocamos os(as) assessores das Juventudes a refletir o quanto é importante nosso acompanhamento de forma sóbria no processo. Sobriedade quer ser aqui o termômetro que sinaliza até onde se deve impulsionar a partir de nossas convicções e até onde devemos investir no protagonismo das Juventudes.

Considerações finais

Para finalizar esta exposição sobre os trabalhos comuns entre a CRB Nacional e a CNBB, através do Setor Juventude e da Comissão Episcopal Pastoral para os Ministérios Ordenados e Vida Consagrada, buscamos uma aliança, como Igreja que somos, inspirados(as) na Palavra de Deus, que mostra a união de Deus com seu povo. Sabemos que temos muito a caminhar para que essa aliança seja fiel e respeitosa, mas estamos conscientes de que, mesmo na Bíblia, percebemos infidelidades e desafios.

É importante mantermos a lucidez diante dos propósitos dessa aliança, que, longe de ter fim em si mesma – pois não podemos nos bastar a nós mesmos – quer apontar para a unidade da ação visando somar forças em prol das Juventudes, que tanto clamam por acompanhamento. Como diz São Francisco de Assis em seu *Testamento*: “Recomecemos, porque até agora pouco ou nada fizemos” (n. 14).

Referências bibliográficas

- FERREIRA, Aurélio B. H. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.
- LORENZ, K. *La otra cara del espejo*. Barcelona: Plaza y Janés, 1979.

PLUTARCO ALMEIDA, SJ*

Vale a pena ir ao cinema?

Que o cinema é uma das artes mais belas isso ninguém duvida, não é mesmo? Além dos seus aspectos propriamente artísticos/estéticos, a “sétima arte”, ao longo da sua história, sempre foi portadora de grandes e profundas mensagens, muitas das quais chegaram até a provocar reviravoltas sociais e políticas mundo afora. O cinema emociona, diverte e encanta, questiona e ensina também.

De algum modo o cinema, independentemente de sua ideologia, expressa a realidade, o que está acontecendo nas ruas e no coração da sociedade. Expressa o desejo e os sonhos libertários do povo, mas também pode expressar o egoísmo humano, pondo-se a serviço das manipulações dos déspotas e dos demagogos. Quase todos eles, por sinal, se utilizaram do cinema para ampliar seus poderes. Hitler fez isso!

Ousamos dizer que por todos esses motivos a arte cinematográfica não deixa de ser uma espécie de termômetro através do qual medimos a “temperatura” de um determinado período histórico. O filme que vamos comentar em seguida (*A rede social*), aliás, é uma boa prova do que estamos dizendo aqui.

Ora, se não quisermos ficar alheios ao que acontece fora das nossas casas religiosas, nossos conventos e mosteiros, temos de usar esse termômetro e saber interpretá-lo. É claro que hoje existem outros meios eficazes para isto (a internet, por exemplo), mas talvez somente o cinema tenha o poder

* **Padre Plutarco Almeida** é jesuíta, jornalista, assessor de publicações, redator da revista *Convergência*, da CRB Nacional.
E-mail: convergencia@crbnacional.org.br; plutarcosj@yahoo.com.br. **Blog:** plutarcoalmeida.blogspot.com

de unir ao mesmo tempo arte e análise social, humor e crítica, emoção e apelo para a ação concreta também.

Por que será que religiosas e religiosos, em geral, não vão ao cinema?

Se fizéssemos uma pesquisa perguntando a religiosas e religiosos “quantas vezes você foi ao cinema ano passado”, com certeza pouca gente responderia que foi umas três ou quatro vezes. A maioria talvez nem se recorde mais do dia em que assistiu a um filme. E haverá pessoas consagradas que nunca puseram os pés num cinema!

Por que será que não costumamos frequentar as salas de projeção? Ou, na melhor das hipóteses, assistimos a um DVD em casa mesmo? Várias desculpas, umas sérias, outras esfarrapadas, se apresentam. A mais comum é esta: “Não tenho tempo”. De fato, a nossa vida está ficando cada vez mais corrida. Às vezes, nem para rezar encontramos tempo (o que é gravíssimo, aliás), imagine para ir ao cinema. Nem pensar! No máximo, um ou outro membro da comunidade aluga um DVD ou compra um “pirata” na rua, como quase todo mundo faz hoje em dia, e assiste sozinho ou em casa de amigos (o que, convenhamos, não é nada edificante para uma vida que se diz “comunitária”!). E assim vamos vivendo a nossa vida de “consagradas” e “consagrados” no século XXI, sem tempo para nada, a não ser trabalho, trabalho, trabalho e mais trabalho!

Um outro tipo de desculpa muitas vezes tem como base de sustentação o seguinte:

Como hoje praticamente só existem cinemas nos shoppings, fica chato e até constrangedor chegar lá e dar de cara com os jovens que estudam em nossos colégios ou participam de grupos da paróquia. O que é que eu vou dizer a essa galera? Isto não seria uma espécie de contratestemunho? E as focas depois...?

Acho engraçado tal argumento. Engraçado e contraditório ao mesmo tempo. Ora bolas, não falamos tanto por aí

que as religiosas e os religiosos devem estar “inseridos” na realidade do povo? A questão da inserção não foi tão debatida nestes últimos anos na Vida Religiosa? Depois de todo tipo de discernimento que fizemos, não chegamos à conclusão de que é este o apelo que o Espírito Santo nos faz hoje em dia? A Vida Consagrada, no Brasil e na América Latina especialmente, não caminha cada vez mais nesta direção? Então, qual é o problema? Parafraseando o cantor e compositor Milton Nascimento (“Todo artista tem de ir onde o povo está”), concordamos que “todo religioso(a) tem de ir onde o povo está”, até mesmo nos cinemas e nos shoppings!

Outra coisa: bem ou mal ainda temos as reuniões comunitárias, os “recreios” e as “convivências” que muitas comunidades de Vida Religiosa fazem de quando em vez, aleluia! Quem sabe não seria este um bom momento para dar uma “fugidinha” de casa? E que tal uma “fuga” coletiva/comunitária para ir ao cinema? Deus perdoa, e isso pode fazer um bem danado para todo mundo, inclusive às pessoas, em particular os jovens, que vamos encontrar, diga-se de passagem, mais a vontade, porque estão no seu “*habitat* natural”. Talvez isso sirva para desmitificar a figura da “freira”, do “irmão” ou do “padre” e diminuir, quem sabe, a distância que existe entre nós e essa galera sedenta de Deus, por que não?

Evidentemente, antes dessa saudável “fugidinha comunitária” para ir ao cinema alguma irmã, algum irmão de comunidade deveria pesquisar com antecedência nos jornais e revistas que filme bom está passando na cidade. Ler a “sinopse” (resumo) do filme e colocar no mural da casa também é uma boa dica. Por outro lado, o filme escolhido necessariamente não tem de ser sério, pesado, “reflexivo” etc. Pode muito bem ser uma comédia! Afinal, a alegria vem ou não vem de Deus? Escolher bem o filme, seja ele “leve”, seja “pesado”, pode evitar sustos e aborrecimentos também.

Uma outra dica importante: de segunda a quinta-feira, normalmente os ingressos são mais baratos e o movimento

é bem menor do que nos finais de semana (quem é que gosta de fila?). Dá para assistir tranquilamente. Depois do filme, os comentários, a troca de ideias e impressões, que pode ser em casa, na pizzaria ou na sorveteria mais próxima, por que não?

O filme: A rede social¹

Baseado em fatos reais, conta a história da criação do site de relacionamento Facebook, em 2003, e sua evolução até a conquista do milionésimo usuário.

Estamos na famosa Universidade de Harvard, Estados Unidos, centro de excelência intelectual, onde o jovem estudante Mark Zuckerberg, vivido no cinema pelo ator Jesse Eisenberg, após brigar com a namorada, resolve atacá-la pela internet. Com um talento e uma inteligência muito acima da média dos seus colegas e fanático por programação de computadores, Mark dá asas à sua imaginação e, através do blog, naquela noite consegue fazer com que centenas de alunos e alunas dos diversos *campi* da universidade consigam acessar em suas máquinas as informações negativas, até mesmo ofensivas, sobre a sua ex-namorada, e também sobre outras jovens alunas. De repente, aquilo virou uma febre! Os acessos foram tantos que conseguiram derrubar todo o sistema de informática da universidade, o que levou Mark a responder processo no conselho disciplinar de Harvard.

A partir daí o rapaz não para de criar. Uma ideia desemboca em outra ideia, e assim ele vai formatando o que será o “Facebook”, espaço virtual de comunicação entre pessoas e grupos. Jovens alunos da mesma faculdade o acusam de roubar algumas dessas ideias e por isso novo processo se instala contra ele. Mais tarde isso resultará no pagamento de indenizações milionárias.

Juntando alguns colegas de faculdade, Mark organiza uma “empresa” para tocar para frente o seu projeto, mas a princípio não pensa em ganhar dinheiro. Ele percebe que ainda tem muito chão pela frente e que a sua invenção precisa amadurecer mais. Esse amadurecimento, entretanto,

1. Direção: David Fincher. Produção: Scott Rudin, Dana Brunetti, Michael De Luca, Ceán Chaffin. Produção executiva: Kevin Spacey. Roteiro: Aaron Sorkin. Intérpretes: Jesse Eisenberg, Andrew Garfield, Justin Timberlake, Brenda Song, Armie Hammer, Max Minghella, Rashida Jones, Joseph Mazzello e Rooney Mara. Música: Trent Reznor, Atticus Ross. Estúdio: Relativity Media, Trigger Street Productions. Distribuição: Columbia Pictures. Lançamento: 1º de outubro de 2010.

chega rápido, mas não sem traições, armações, mentiras e luta violenta pelo poder.

Uma coisa nos chama a atenção neste filme: *o uso (e o abuso) da tecnologia necessariamente não nos torna pessoas melhores!* O que se vê no final é um rapaz milionário (hoje o bilionário mais jovem do mundo), mas extremamente confuso, descontraído consigo mesmo e cheio de arrogância e prepotência, disposto a fazer valer o seu projeto ainda que às custas de traições, mentiras etc. A sua “ética” é materialista ao extremo. Em nenhum momento Mark expressa qualquer sentimento, digamos, “humano”. É como se a máquina que ele domina com tanta genialidade lhe tivesse transmitido a mesma frieza com que opera. Mark é rico e triste, muito triste mesmo!

Vale a pena assistir?

A rede social é sem dúvida um bom filme para se refletir sobre o mundo “tecnologizado” em que vivemos. Apegados mais ou menos às nossas “maquininhas maravilhosas”, quem sabe nos identifiquemos de algum modo e em alguma escala com o pai do “Facebook”.

As religiosas e os religiosos não vivem, é claro, “fora do mundo”. Pelo contrário, em sua maioria estão inseridas(os) numa sociedade tremendamente vinculada aos recursos tecnológicos. Já não se vive sem eles! Pouquíssimas casas religiosas dispensam hoje em dia o computador com internet, por exemplo, e os habitantes dessas casas naturalmente navegam nas chamadas “redes sociais”, além do uso constante (e às vezes até exagerado, diga-se de passagem) do famoso celular. Então, é bom refletir sobre todos esses fenômenos que acontecem com uma rapidez incrível ao nosso redor e que afetam a nossa vida de consagradas e consagrados. Não fosse por outro motivo, ao menos para não sermos engolidos (ou enganados) pela correnteza diluviana que está sob nossos pés!

SINIVALDO S. TAVARES, OFM*

À diferença de outros enfoques que insistem em fragmentar a realidade, o ecológico contempla-a em sua irremissível complexidade, evitando reduzir ou simplificar seus fenômenos. Somente uma visão sistêmica e holística fará justiça à complexidade do *lixo*, posto que irá considerá-lo no enlace das quatro ecologias: ambiental, social, mental e espiritual.

A “cartografia” do lixo: dados que fazem pensar

São alarmantes os dados referentes ao lixo produzido por nossas sociedades. Uma sumária resenha de notícias, veiculadas em alguns de nossos principais diários e sites, revela, por si só, a gravidade e do crescente desperdício e do acúmulo desmesurado do “nosso lixo”.¹

Uma equipe de cientistas e ambientalistas parte, neste final de semana, da cidade de San Francisco, nos Estados Unidos, em busca do que alguns chamam de “A Ilha do Lixo” – um redemoinho de lixo no Oceano Pacífico formado por mais de seis milhões de toneladas de plástico. Durante a viagem, o oceanógrafo encontrou pedaços de garrafas, sacos plásticos, seringas e uma variedade enorme de outros objetos de plástico em vários estados de conservação. [A reportagem é do sítio *Portal do Meio Ambiente*, 21-08-2009.]

Cientistas da *Sea Education Association* (SEA, na sigla em inglês) anunciaram a descoberta de uma região no Atlântico Norte

* **Frei Sinivaldo S. Tavares** é doutor em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Antonianum (Roma), professor de Teologia e coordenador da pós-graduação *lato sensu* em Espiritualidade, Ecologia e Educação no Instituto Teológico Franciscano (ITF), Petrópolis-RJ. **Endereço do autor:** Rua Coronel Veiga, 550, CEP 25655-151, Petrópolis-RJ. **E-mail:** sinivaldo@itf.org.br.

1. Cf. o arquivo de notícias sediado na página web do *Instituto Humanitas* da Unisinos, disponível em: <www.unisinos.br/ihu>.

onde detritos de lixo plástico parecem se acumular. A área está sendo comparada com a já bem documentada “grande mancha de lixo do Pacífico”. [A notícia é de *EcoDebate*, 26-02-2010.]

[A tragédia de Niterói] É resultado de absurdo descuido ambiental e sanitário. Lixões a céu aberto são uma anomalia política. Simplesmente não deveriam existir mais. Lixão regulamentado por prefeituras é lixão. Igualzinho os lixões clandestinos. Eles contaminam o lençol freático, criam riscos graves à saúde pública e emitem metano, poderoso gás de efeito estufa. A única forma adequada de dispor o lixo é em aterros sanitários, depois da separação de todo material reutilizável, reciclável e de alta toxicidade. Aterros tecnicamente benfeitos, com adequada impermeabilização e isolamento e respeito aos limites de carga e segurança. [A análise é de Sérgio Abranches, do *Portal Ecopolítica*, e publicada pela *Agência Envolverde*, 11-04-2010.]

No mundo, a geração de lixo anda pela casa dos 4 milhões de toneladas diárias nas cidades, mais de um quilo por pessoa. Um enorme desperdício de materiais, num mundo carente deles. Estudo recente mostrou (*New Scientist*, 14/8) que nos EUA se desperdiça de um quarto a um terço dos alimentos produzidos e que estes, ao longo de todo o processo, consomem uns 15% da energia total no país (que, com 5% da população mundial, consome 20% da energia global). Cada família desperdiça US\$ 600 anuais em alimentos não consumidos. [Washington Novaes, jornalista, em artigo publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, 08-10-2010.]

[...] o incrível total de sacos plásticos descartados no mundo – 1 milhão por minuto, ou quase 1,5 bilhão por dia, mais de 500 bilhões por ano. Que são um dos fortes componentes do entupimento da drenagem urbana e dos rios e córregos. Além de contribuírem poderosamente para a formação de zonas mortas de até 70 mil quilômetros quadrados no fundo dos oceanos. [Washington Novaes, em artigo publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, 10-08-2007.]

Quem sabe que cada pessoa produz a cada ano em média dez vezes o peso de seu corpo? Quem sabe que são de pet 80,5%

dos cerca de 10 bilhões de embalagens de refrigerantes (fora as de alimentos e outras) que circulam a cada ano no País e que pouco menos de 50% delas são recicladas – o restante vai para aterros, entupir as redes urbanas de drenagem ou o leito dos cursos d'água (como mostrou Elisângela Roxo neste jornal, em 8/9)? [Washington Novaes no artigo “Bebendo, comendo e gerando problemas” para o jornal *O Estado de S. Paulo*, 12-10-2007.]

Nova carga de lixo europeu desembarca em Rio Grande. Passados 14 meses após a descoberta de 740 toneladas de lixo britânico para Rio Grande, uma nova remessa irregular de resíduos europeus chegou ao porto no sul do Estado. A Receita Federal interceptou uma carga de origem checa com 22 toneladas de lixo doméstico. [A reportagem é de Guilherme Mazui e publicada pelo jornal *Zero Hora*, 18-08-2010.]

O Ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, afirmou que técnicos da pasta e do Itamaraty discutem nesta quarta-feira o envio de lixo da Inglaterra para o Brasil e que amanhã será divulgado um comunicado sobre o assunto. “O Brasil não será a lata de lixo do planeta. Vamos multar, vamos mandar de volta e cobrar responsabilidade de países que têm um discurso ambiental avançadíssimo e enviam seu lixo químico para países em desenvolvimento”, disse Minc, depois de participar de solenidade no Ministério do Meio Ambiente. [A notícia é da *Agência Brasil*, 22-07-2009.]

Em países ricos, 30% da comida comprada vai para o lixo. Famílias de países ricos jogam no lixo cerca de 30% dos alimentos que compram, segundo um estudo apresentado na World Water Week, a conferência mundial sobre água que foi encerrada nesta sexta-feira em Estocolmo, na Suécia. [A reportagem é do sítio *BBC Brasil*, 17-08-2007.]

O Brasil é o mercado emergente que gera o maior volume de lixo eletrônico por pessoa a cada ano. O alerta é da Organização das Nações Unidas (ONU), que ontem lançou seu primeiro relatório sobre o tema. O estudo advertiu que o Brasil não tem estratégia para lidar com o fenômeno e que o tema sequer é prioridade para a indústria. O País é também a nação emergente

que mais toneladas de geladeiras abandona a cada ano por pessoa e um dos líderes em descarte de celulares, TVs e impressoras. [A reportagem é de Jamil Chade e publicada pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, 23-02-2010.]

Segundo o Centro de Computação Eletrônica da Universidade de São Paulo (CCE-USP), foram vendidos, só em 2006, 7 milhões de computadores. Se descartados sem controle num horizonte de até dez anos, essas máquinas podem implicar numa montanha de resíduos da ordem de 70 mil toneladas. Pior: 60% do lixo coletado não têm destinação correta, ou seja, são encaminhados para os lixões, nos quais os componentes tóxicos facilmente alcançam os lençóis de água subterrânea. Se houver contaminações, os custos para a sociedade brasileira podem ser incalculáveis. [A reportagem é de Leticia Freire, do *Mercado Ético*, e publicada pela *Agência Envolverde*, 11-02-2009.]

Angra 1 e 2 geram por ano 13.775 metros cúbicos de rejeitos radioativos, e essa montanha de lixo nuclear vem sendo provisoriamente estocada dentro das próprias usinas. Com a construção de Angra 3, a situação deve se agravar. Não existe, em nenhum lugar do mundo, solução definitiva para o lixo radioativo e, portanto, a definição sobre os parâmetros e a localização de depósitos para tais resíduos é complexa, demorada e de altíssimo custo político e econômico. Com Angra 3, a situação do lixo radioativo deve se agravar. Não há, em lugar nenhum do mundo, solução definitiva para tal problema. [Notícia Rebeca Lerer, jornalista e coordenadora da campanha de Energia do Greenpeace Brasil, em artigo publicado no jornal *Folha de S.Paulo*, 12-08-2008.]

As grandes potências mundiais precisam encontrar meios de reduzir a quantidade de destroços em órbita, à medida que os riscos gerados por colisões no espaço aumentam, disse o chefe do Comando Estratégico dos Estados Unidos. Ele disse que as grandes potências deveriam acertar uma “operação espacial responsável”, aperfeiçoar suas naves para que os resíduos deixados no espaço sejam mínimos e compartilhem dados sobre riscos. [A notícia é do portal do jornal *O Estado de S. Paulo*, 28-01-2010.]

Globalização neoliberal: consumismo, descarte, exclusão

Dizíamos que o lixo constitui um fenômeno extremamente complexo. E tal complexidade se dá, em primeiro lugar, na abrangência desse fenômeno: desde os detritos perdidos na órbita espacial, o plástico de nossos oceanos, os mega-aterros sanitários das metrópoles urbanas até nossos hábitos pessoais de comer, lavar e vestir. Nesse caso, vale o princípio formulado por Edgard Morin: “Pensar globalmente e agir localmente e pensar localmente e agir globalmente”.² Essas dimensões precisam ser articuladas dialogicamente, visto que, entre ambas, vigoram relações de mútua implicação e de dependência recíproca.

Em sua complexidade, o lixo que produzimos é produto de nosso modo de produção e de reprodução da vida. Por essa razão, o “nosso lixo” é um dos mais visíveis sintomas da produção ilimitada e do consumismo excessivo que caracterizam o sistema capitalista neoliberal, verdadeiro câncer de nossas sociedades. Nesse sentido, metaforicamente falando, enquanto descarte de nossa vida em sociedade o lixo é como as fezes produzidas pelo nosso corpo. Dessa maneira, assim como o exame de fezes é um dos recursos utilizados pela medicina para avaliar a maior ou menor sanidade de nosso corpo, também a partir do lixo produzido por nós e nossas sociedades podemos detectar as principais anomalias que as atingem, infectando-as nocivamente.

Há um fato escandaloso que necessita ser sublinhado com relação ao lixo: enquanto, de um lado, mais de 50% do lixo urbano é composto por matéria orgânica, como restos de comida, de outro lado há uma infinidade de pessoas que sobrevivem literalmente graças aos detritos lançados nos lixos urbanos. Nesse sentido, essa contradição escandalosa é o retrato mais fiel de nossa civilização pautada pelos ditames do capitalismo neoliberal, sistema injusto porque discriminatório e excludente.

É por essa razão que a quantidade de lixo produzida se dá na exata proporção do poder de consumo das sociedades

2. Cf. MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo/Brasília: Cortez Editora/Unesco, 2000.

e das pessoas que as constituem. Sendo assim, é fato consumado que os ricos consomem bem mais que os pobres. É ilustrativo, a esse respeito, comparar os índices do que se convencionou chamar de “pegada ecológica”³ dos habitantes dos países ricos do hemisfério norte com a dos moradores do pobre hemisfério sul. Tendo presente que os hábitos de consumo variam consoante as regiões e culturas – apenas 18% da humanidade consome 80% dos recursos vitais do planeta –, ocorrerá necessariamente uma variação também na percentagem de hectares *per capita* usados. Por consequência, Europa, Estados Unidos, Japão, Índia e China possuem uma pegada ecológica que vai de 200% até 600% (é o caso do Japão) de sua biocapacidade nacional, ou seja, uma pegada muito acima daquela que lhes seria permitido por seus recursos ecológicos disponíveis. Esses dados revelam uma situação cujo equacionamento se torna extremamente problemático. Pois, se para manter seu excessivo nível de consumo uma região ou nação deverá se apropriar de mais hectares do que a média geral, isso provocará inevitavelmente o seu reverso: a de que outras regiões e nações deverão, forçosamente, ocupar menos hectares, apropriando-se, portanto, de uma menor quantidade de recursos vitais. Assim se compreendem a desigual repartição dos bens e o caráter intrinsecamente injusto do processo de produção e do consumo mundial.

No caso específico do Brasil, acontece uma situação deveras singular. Nossa biocapacidade excede em muito a demanda de sua população e faz com que a pegada ecológica brasileira média seja de 2,6 hectares. Mas, se comparamos os índices de diferentes países, saltará à vista uma desigualdade escandalosa. Assim, por exemplo, enquanto a pegada ecológica de um habitante do Bangladesh é de 0,5 hectares, a de um norte-americano é de 9,6. Por essa razão, o modo de produção e de consumo do sistema capitalista neoliberal é insustentável e pode levar a Terra a um colapso ecológico sem precedentes.

É precisamente esse desequilíbrio verificado nos níveis de consumo que cria a necessidade da “exportação do lixo”,

3. A expressão “Ecological footprint” foi cunhada por Martin Rees e Mathis Wackernagel no contexto de um estudo elaborado para o Conselho da Terra em 1977. Tomando como referência de cálculo o número de hectares necessários para que cada pessoa, cada cidade e cada nação possam viver de forma minimamente decente, e tendo em vista que o planeta Terra dispõe de 10,8 bilhões de hectares produtivos (menos que 25% de sua superfície), eles chegaram à conclusão que a pegada ecológica média geral seria de pelo menos 2,8 hectares por pessoa.

recurso esse excogitado pelas nações ricas para se livrarem do excessivo lixo produzido por elas. Esse seria o ápice daquele mecanismo em ato há décadas: manter a indústria pesada, aquela que polui mais, nos territórios dos países pobres, importando os bens já beneficiados e, portanto, limpos. Somente as “indústrias limpas” teriam espaço no hemisfério norte. E agora, nesta última fase, exporta-se o descarte dos bens de consumo para que o lixo sujo e tóxico seja deslocado para as nações pobres do hemisfério sul.

Nesse sentido, o lixo é um dos sintomas mais visíveis da anomalia maior que ameaça nossa civilização nesse princípio de século. Esta anomalia assume as feições de um tríptico conflito. O primeiro deles seria entre a reprodução da humanidade e os destinos do planeta Terra. Encontramo-nos, para todos os efeitos, encurralados em um beco sem saída: de um lado, nossas sociedades têm cada vez mais necessidade da Terra e de seus recursos; de outro lado, o planeta suporta cada vez menos nosso crescimento. Não menos grave resulta o conflito entre a reprodução do capitalismo e da humanidade. A reprodução do capitalismo está cada vez menos relacionada com a reprodução da humanidade pelo fato de o capitalismo se autonomizar cada vez mais da sociedade na qual se encontra inserido. Por último, a Terra e as pessoas humanas que nela habitam estão à mercê de uma economia que se impõe como a fatalidade do “nosso tempo”. De fato, Leonardo Boff tem razão quando a esse respeito afirma que “os limites do capital são os limites da Terra”.⁴ Trata-se de um acirrado conflito entre a reprodução do capitalismo, incluída naturalmente parte da humanidade ligada a suas atividades e a seus produtos, e a reprodução da Terra com o conjunto de suas criaturas. Numa palavra, as prioridades do capitalismo neoliberal são opostas àquelas orientadas pela ética e pelos valores humanos.⁵

Com base nessa mesma lógica é que se justifica o aumento significativo do lixo produzido pelas assim denominadas “nações emergentes”. De fato, essas nações se encontram em uma situação de visível expansão de seus mercados internos e externos, vale dizer, um crescimento na produção

4. BOFF, L. A. Última trincheira: temos que mudar. Economia e ecologia. In: BEOZZO, J. O.; VOLANIN, C. J. (orgs.). *Alternativas à crise. Por uma economia social e ecologicamente responsável*. São Paulo: Cortez Editora, 2009. p. 35-51 – aqui, p. 42.

5. Para um aprofundamento maior desses três conflitos e das questões decorrentes, remetemos a quanto escrito por nós em *Teologia da criação. Outro olhar – Novas relações* (Petrópolis: Vozes, 2010 – especialmente p. 17-36).

e no consumo de bens e, por consequência, também do desperdício e descarte dos mesmos. Ademais, a questão do lixo eletrônico e do lixo espacial vem agravar ainda mais a situação esboçada anteriormente.

Assim sendo, a questão do “nosso lixo” põe às claras, na sua feição mais brutal, o impasse em face do qual nos encontramos. A ilusão de um crescimento desmedido e de um progresso ilimitado voltados para a melhoria das condições de vida está nos levando a uma degradação sem precedentes, perceptível, sobretudo, na deterioração progressiva da nossa qualidade de vida, dos demais seres vivos e do próprio planeta. O mito da perfeita utilização dos recursos da Terra, encarnado pelo ser humano de maneira voluptuosa e obstinada, tem produzido a exaustão dos sistemas vitais e a desintegração do equilíbrio ambiental. Para agravar ainda mais a situação de degrado e exaustão à qual tem sido submetido o planeta, temos as incidências do desastre ecológico em termos de exclusão e marginalização dos pobres da Terra. Percebemos hoje, mais do que nunca, o caráter reducionista e profundamente excludente do paradigma civilizacional moderno.

Nesse sentido, são esclarecedores os dados publicados nos últimos anos pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) em seus relatórios do desenvolvimento humano. Tais relatórios alertam-nos para uma situação paradoxal: as populações mais pobres, justamente aquelas que contribuem de maneira desprezível para o aquecimento global, serão as maiores vítimas dos resultados imediatos da mudança no clima. Apenas 13% da população do planeta é responsável por mais da metade da emissão dos gases de efeito estufa. Os EUA e a União Europeia juntos são responsáveis por 10 Gton⁶ dos 29 Gton liberados anualmente em todo o planeta. O relatório mostra ainda que, se cada pessoa pobre do planeta levasse o mesmo estilo de vida de alto consumo de energia de um habitante médio dos EUA ou do Canadá, seriam necessários três planetas para fornecer os recursos vitais básicos e para absorver a poluição. O aquecimento global, segundo o mesmo

6. 1 ton = 1000 kg.
1 Gton (gigaton) =
 $1000 \times 10^9 = 10^{12}$ kg
(N.E.).

relatório, desencadeará provavelmente um grande retrocesso no desenvolvimento e o total fracasso em implementar os “Objetivos de Desenvolvimento do Milênio” (ODM), acordados na ONU em 2000, para a redução da pobreza mundial. Trata-se, segundo as palavras de Desmond Tutu, de um verdadeiro “*Apartheid* da Adaptação”.

“A religião se faz neoliberal e o neoliberalismo se faz religião”

Testemunhamos, atualmente, um processo que poderia ser descrito como “absolutização do mercado”, vale dizer, uma autêntica mercantilização da cultura e da religião. Isso significa que o mercado vai-se impondo como único cenário de nossa trama civilizacional atual. Nesse contexto, também nossos valores e símbolos culturais e religiosos se tornam mercadoria de consumo e de descarte. Analistas agudos têm-se debruçado sobre esse fenômeno atual que tem acometido nossas sociedades contemporâneas.⁷

No universo religioso, mais especificamente, tem-se tentado compreender os fenômenos religiosos emergentes lançando mão de expressões como: “*religieux flottant*”, “*bricolage*”, “*religion à la carte*”, “*cocktail*”, “*self-service*”, “sincretismo em movimento”. Trata-se de uma religiosidade difusa, sem nenhuma exigência ética. E essa situação parece agravar-se ainda mais quando considerada na sua estreita relação com o consumismo. A “privatização da fé” serve como uma luva aos interesses econômicos da sociedade de produção e consumo. Expressões dessa espécie de “instrumentalização consumista do sagrado” são as iniciativas propostas com certa frequência em tais ambientes: “mercado espiritual”, “shopping center da fé”, entendido como uma rede de variadas lojas e boutiques, “kit espiritual” ou, ainda, “cesta espiritual” contendo mercadorias espirituais de toda sorte. Não por acaso, tem-se falado com bastante frequência, nos últimos tempos, de “religião de mercado”.⁸

Com base em tais análises, o capitalismo neoliberal estaria ultimando seu crescente processo de expansão e consequente

7. Aqui nos falta espaço suficiente para aprofundar esta pertinente questão. Por isso remetemos o(a) leitor(a) a estudos que o fazem com grande propriedade: LIPOVETSKY, G. *O império do efêmero. A moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BAUMAN, Z. *Vida para consumo. A transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

8. Cf. LUZ, L. A. *Carnaval da alma; comunidade, essência e sincretismo na Nova Era*. Petrópolis: Vozes, 2000. LIBANIO, J. B. *A religião no início do milênio*. São Paulo: Loyola, 2002.

hegemonia de seus tentáculos mercantis. Na medida em que vem conseguindo transformar também os valores e símbolos culturais e religiosos em mercadoria de consumo e de descarte, o capitalismo neoliberal tem consolidado sua hegemonia sobre nossa inteira civilização. Referindo-se a esse expediente, Libanio formula um expressivo e sugestivo trocadilho: “A religião se faz neoliberal e o neoliberalismo se faz religião”.⁹ E o que é mais preocupante: esse processo tem-se dado também no seio das religiões históricas e institucionalizadas, como é o caso da Igreja Católica romana.

A piedade e a prática cristãs, no curso dos séculos, caracterizaram-se predominantemente, por uma luta truculenta e, em certos casos, violenta, contra os vícios, contra o pecado e, ao fim e ao cabo, contra o mal. Todavia, se voltarmos nossa atenção para os grandes ícones de nossa mais genuína tradição, perceberemos que o paradigma encarnado por eles é o da integração mediante processos de assunção e de transfiguração dos vícios em virtudes, do pecado em graça e, por fim, do mal em bem. Nisso, precisamente, reside a melhor e mais qualificada contribuição que a fé cristã pode oferecer à nossa civilização do consumo e do descarte, que insiste em transformar também a religião em mercado.

Essa é precisamente a lição mais clara que podemos aprender do mistério pascal de Cristo. Lição essa que nos alcança como uma contundente interpelação. Segundo a expressão do apóstolo, “Cristo nos resgatou da maldição da Lei, tornando-se ele próprio um maldito em nosso favor” (Gl 3,13). A salvação que Jesus nos alcançou não se resume a alguma coisa que ele nos tenha trazido de fora de nossa existência conturbada e assinalada pelo pecado. Ele viveu em tudo nossa condição, reconstituindo os fios da trama de nossa existência a partir de suas fibras mais íntimas, reconciliando-nos mediante uma eficácia sem precedentes, porque inusitada. Sorvendo até a última gota nossa existência intrinsecamente contraditória e ambígua, ele a sanou eficazmente, por amor e com amor, transformando o veneno de nossa perversidade em antídoto contra o

9. LIBANIO, *A religião no início do milênio*, p. 152-159.

pecado. Assim fazendo, ele nos ensinou a reverter situações de perversidade e violência, assumindo-as com amor, e a transfigurá-las em situações de solidariedade e de amor, de graça e de vida.

Em seu *Testamento*, São Francisco se refere à própria experiência de conversão, descrevendo-a como “aquilo que parecia amargo se me converteu em doçura de alma e de corpo” (*Test.*, n. 3).¹⁰ Abraçando o leproso, Francisco se solidariza com o pecador e excluído, quando praticamente todos ostentavam razões, pretensamente legítimas, para justificar o rechaço e a exclusão dele. Ademais, mediante esse gesto de solidariedade e acolhida, Francisco se sente testemunha de um visceral processo de transformação: o que antes lhe parecia amargo se lhe converte em doçura de alma e de corpo. Aqui se encontra propriamente o âmago da experiência de Francisco que a torna um evento singular: a ousadia de abraçar a morte, disposto a acordar nela as mais genuínas sementes de vida; abraçar a expressão personificada da exclusão e do pecado, experimentando-o como único caminho possível de salvação. Pois assim como a autêntica vida só pode brotar de um acolhimento generoso da morte, assim também só o pecado assumido com amor pode transmutar-se em salvação.

Para nós que manifestamos tamanha habilidade em dissecar as realidades, individuando-as uma a uma para depois separá-las, chegando ao paroxismo de contrapô-las, essa lição se nos revela demasiadamente indigesta, por soar-nos paradoxal. Pensamos que morte e vida se encontram nos extremos de nossa existência a ponto de não se tocarem a não ser no derradeiro e inevitável instante. Por tal razão é que buscamos construir nossa vida numa distância cada vez maior de toda e qualquer sombra de morte. O mesmo se diga com respeito à relação entre salvação e pecado. Quanto mais longe do pecado, mais próximo da salvação. Daí a compreensão de salvação como uma espécie de condição paradisíaca, ou de uma pureza asséptica e isenta de toda e qualquer contaminação, legitimadora de tantas ideologias discriminatórias.

10. Cf. *Fontes Franciscanas e Clarianas*. Petrópolis: Vozes/FFB, 2004. p. 188-191 – aqui, p. 188.

Dizíamos que a lição que nos vem do mistério pascal de Cristo e que foi tão bem encarnada por Francisco nos alcança como uma interpelação. A superação dos vícios, do pecado e do mal não se dá mediante o descarte e a substituição dos mesmos pelas virtudes, pela graça e pelo bem. Serão, na verdade, os próprios vícios que, assumidos por amor, transmutar-se-ão em virtudes. Como também será o próprio pecado abraçado com amor que será transfigurado em graça. Como, enfim, o mal acolhido com amor será reconvertido em bem. Numa palavra, como dizia Francisco, é a experiência do amargo que se converte em doçura. Dessa maneira, também no que diz respeito aos valores culturais e religiosos não podemos nos deixar tragar pela lógica do consumismo que insiste na substituição e no descarte.

Em suma, poderíamos concluir dizendo que “no projeto de Deus não há lixo”. Pois, segundo seu desígnio salvífico, nada do que ele fez poderá ser substituído, ou descartado. Os textos bíblicos narram a gesta salvadora de Cristo em termos de recapitulação universal. Nada será perdido ou descartado, ao contrário, tudo será recuperado, assumido e elevado a uma dignidade ímpar, porque singular. Há uma exclamação que retorna mais vezes no primeiro capítulo do Livro bíblico do Gênesis: “E Deus viu que tudo era bom”. Tal espécie de refrão constitui para nós, cristãos, uma contínua interpelação a confiarmos na destinação boa e plenificadora do universo. O Criador mesmo se empenha em primeira pessoa para que a evolução da criação se dê na direção desse final bom e plenificador. A exclamação “E Deus viu que tudo era bom” continua ressoando por entre os meandros sutis da inteira criação, como uma promessa divina. E como toda promessa ela nos conclama à missão. Promessa vem de *pro-missio*. Por isso ela propicia o emergir da missão concebida como incumbência: empenho pela radical transformação deste mundo para que ele se torne, com lento vagar, bom, plenamente bom. Deus nos criou como interlocutores seus, justamente para contar com colaboradores na tarefa de tornar esse mundo bom, plenamente bom. Se ainda não é bom nem perfeito, o mundo é, para todos os efeitos,

perfectível, vale dizer, aberto a contínuos aperfeiçoamentos até que ele se torne perfeito. E a tarefa de aperfeiçoá-lo continuamente é nossa em comunhão com o Criador; e isso se dará mediante a recuperação e o reaproveitamento de tudo, sem nenhum descarte. De igual maneira, os textos que nos falam da plenitude de todo tempo prometida para os tempos derradeiros recorrem à imagem do “novo céu e uma nova terra” (Ap 21,1), e não à figura de “outros céus e de outra terra” que viriam substituir “este céu e esta terra”.

Conclusão: lixo e ética do cuidado

O excessivo desperdício e a crescente acumulação do lixo que tem caracterizado nossas sociedades produtivistas e consumistas talvez sejam o sintoma mais claro de uma atitude de base que tem marcado os destinos da humanidade e, mormente, de nossa civilização ocidental. Somos vítimas da hegemonia do paradigma antropocêntrico que faz de nós, humanos, o centro da criação, dando-nos, portanto, o poder de, qual sujeitos, nos colocarmos sobre as outras criaturas, considerando-as meros objetos. A fatalidade desse nosso paradigma civilizacional moderno é justamente a de considerar o conjunto das criaturas como rigidamente separados entre sujeitos e objetos. A rigor, sujeito seria unicamente o próprio indivíduo considerado em si mesmo. Todos os demais seres seriam sumariamente reduzidos a coisas, meros objetos. Apenas o ser humano teria valor em si mesmo, todos os demais seres existiriam apenas por causa dele e em função dele. Este antropocentrismo moderno acaba, assim, produzindo uma situação na qual a natureza resulta sem alma e os seres humanos, meros sujeitos incorpóreos.

Importa hoje, mais do que nunca, salientar a reciprocidade entre a tutela da dignidade humana e a defesa da dignidade da Terra, portanto a mútua implicação entre ambas. A natureza, entendida como o conjunto de todas as criaturas, deve ser protegida pelo que ela é e não enquanto eventual potencial à disposição do ser humano. O planeta deve

ser, portanto, salvaguardado em nome de uma dignidade que, para todos os efeitos, lhe é própria. O cuidado para com as criaturas todas do planeta poderá se manifestar naquelas ações expressas no decálogo dos “R”: Reavaliar, Redistribuir, Reduzir, Reutilizar, Reciclar, Reconverter, Redefinir, Redimensionar, Remodelar, Repensar. Essas ações serão de extrema relevância também na lida com o lixo enquanto fenômeno que permeia as quatro dimensões constitutivas da ecologia integral: ambiental, social, mental e espiritual.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. O conceito de “pegada ecológica” é útil porque evidencia a íntima conexão entre nosso estilo de vida e os recursos ecológicos disponíveis. Você já parou para analisar em que proporção seu/nosso estilo de vida interfere no equilíbrio do planeta?
2. Uma análise crítica do lixo revela que, mais que um problema isolado, tal fenômeno constitui sintoma de uma anomalia mais grave e complexa. Reflita sobre esta questão.
3. Em que medida a fé cristã pode nos auxiliar no desmascaramento e na desconstrução do recente fenômeno em que “a religião se faz neoliberal e o neoliberalismo se faz religião”?

ROBERTO MALVEZZI (GOGÓ)*

Contextualização

Em agosto de 2010, a população do rio Salitre, um afluente do rio São Francisco que deságua na região de Juazeiro da Bahia, derrubou dezesseis postes de energia para poder ter água. Acontece que o vale do Salitre há muitos anos passou a ser palco de disputas entre irrigantes e comunidades locais. Em 1984, num conflito entre as comunidades e fazendeiros irrigantes, dois fazendeiros foram mortos.

Agora, as potentes bombas voltaram a sacar mais água do rio do que ele pode oferecer. Dessa forma, as comunidades situadas a jusante das bombas ficaram sem água até para beber. Nesse caso, estabeleceu-se um dilema: água ou energia? Mesmo tendo eletrodomésticos em suas casas, como geladeiras, televisões etc., mesmo ficando sem aulas para os estudantes pela noite, mesmo ficando sem energia para conservar remédios nos postos de saúde das comunidades, a opção foi derrubar os postes, ficar sem energia, assim impedir a ligação das bombas elétricas e o saque das suas águas. Era preciso optar entre uma e outra, obviamente o povo optou por ficar sem energia para ter água.

O caso emblemático do rio Salitre, um rio histórico, já que foi o primeiro espaço de criação de gado que abastecia nossa primeira capital, Salvador, sinaliza para o futuro de nossos rios e do uso da água no Brasil.

Entrou em ação pela primeira vez o Comitê de Bacia do Salitre. Efetivamente, ele cumpriu seu papel. Convocou todos os atores envolvidos no conflito – comunidades,

* **Roberto Malvezzi (Gogó)** é licenciado em Filosofia, Teologia e Estudos Sociais, membro das Equipes São Francisco (CPT – Comissão Pastoral da Terra e CPP – Comissão Pastoral dos Pescadores) e Terra, Água e Meio Ambiente do Celam. **Endereço do autor:** Rua Patativa do Assaré, 281, Juazeiro-BA. **E-mail:** robertomalvezzi@oi.com.br.

irrigantes, empresa de energia, poder público, Ministério Público, pastorais sociais, movimentos sociais etc. – e ficou decidido que o uso das bombas seria paralisado para que a energia pudesse ser religada sem que o povo precisasse ficar sem água. A mediação do Comitê deu resultado até agora para pacificar os ânimos. Contudo, terá de enfrentar a questão de fundo, isto é, como equilibrar o uso da água no Salitre para atender os diversos interesses.

Hoje o Salitre é um rio ambientalmente morto, socialmente injusto e conflitivo, exatamente pelo uso econômico que se faz de suas águas.

A água hoje

É diferente escrever sobre a água em 2010 do que em 1998, quando começamos a refletir e escrever sobre a temática. Muitas das previsões sobre a crise da água se confirmaram, mas também lutas sociais importantes por ela, como o reconhecimento da água e do saneamento como direitos fundamentais da pessoa humana, além da construção massiva de cisternas no semiárido brasileiro, nos confirmam que a crise da água pode ser contornada com boa vontade e boas políticas.

A chamada crise da água tem pelos menos três ângulos muito evidentes: o social, o ambiental e o econômico.

Do ponto de vista social, afirmações mais recentes da ONU nos dizem que cerca de um bilhão e duzentos milhões de pessoas ao redor do mundo não tem acesso à água potável essencial para suas vidas nesse momento da história. Por detrás dessas estatísticas devemos visualizar rostos humanos, crianças, mulheres, gente pobre que busca loucamente saciar sua sede. Muitas vezes o que encontram é apenas um pouco de lama, o que acaba se transformando na ingestão de doenças e morte, não de água e vida.

Mais grave ainda é a situação do saneamento ambiental. Cerca de dois bilhões e seiscentos milhões de pessoas, aproximadamente quarenta por cento da humanidade, não são assistidas pelo saneamento. Nesse caso, coleta e tratamento de esgoto. Aqui se coloca outra fonte de doenças

que atinge essa imensa faixa da humanidade, mais uma vez os mais pobres, localizados particularmente nas Américas do Sul e Central, além da África e Ásia. Portanto, uma injustiça global.

Do ponto de vista econômico, com enormes consequências sociais, a valorização da água como um “bem escasso dotado de valor econômico” ganhou destaque e tende a se consolidar, embora a conquista da água como um direito humano seja um obstáculo para sua total privatização e mercantilização. É exatamente aqui que se desenvolve – e se desenvolve – o conflito entre aqueles que querem fazer da água uma mercadoria e aqueles que querem garanti-la como um bem de todos os seres vivos e um direito fundamental da pessoa humana.

Os conflitos pela água, numa escassez produzida não por sua falta natural mas, pelo seu sobreuso por algumas atividades econômicas, particularmente a agricultura irrigada, tendem a crescer em todo o mundo. No ano de 2010, ao registrar os conflitos pela água em território brasileiro, a Comissão Pastoral da Terra registrou um aumento de trinta e dois por cento nos conflitos pela água, aumento maior até que os conflitos pela terra.

Ainda de forma ilustrativa, na região semiárida, particularmente no vale do São Francisco, a transposição de suas águas é o símbolo da disputa crescente entre o capital e as populações sedentas. O pesado investimento governamental na obra prova que dinheiro para satisfazer a voracidade de água do capital existe, mas não existem recursos para fazer as adutoras necessárias para abastecer os mil e oitocentos municípios carentes de água em toda a região.

Novos ângulos da questão

No entanto, nesse momento atual da história humana sobre a face da Terra, novos e assombrosos desafios surgem de forma inovadora. O principal deles é o Aquecimento Global, ou seja, a mudança climática operada pela ação da humanidade em nosso planeta. Embora contestada por

alguns como sendo uma mudança natural, não provocada pelo ser humano, a imensa maioria dos cientistas do ramo concorda que o Aquecimento Global tem a mão humana na sua provocação.

O Aquecimento Global significa exatamente a elevação média da temperatura da Terra. Até poucos anos atrás essa média estava em 14,5°C, hoje está em torno de 15°C. Esse simples 0,5°C já tem o poder de causar transformações aterradoras em toda a face da Terra: enchentes, secas, furacões, tornados, vendavais etc. São fenômenos devastadores que estamos nos acostumando a ver em lugares antes inimagináveis. O Brasil era considerado um país livre desses fenômenos naturais extremos, exceto nos períodos mais secos da região Nordeste, mas hoje já vemos furacões em Santa Catarina, além de tornados no Sul, chuvas torrenciais no Nordeste e secas na Amazônia.

O Aquecimento Global tem um impacto direto no regime das águas. Mais calor significa mais evaporação de águas, portanto mais água em estado gasoso na atmosfera, com sua consequente condensação e precipitação na Terra. Por seu lado, grandes volumes de chuva causam muitos mais danos à natureza – lixiviação dos solos, desbarrancamento de margens, erosão etc. –, além de problemas sociais causados às populações vítimas desses fenômenos.

Outro fator é o degelo dos glaciais e dos polos. Muitos países e cidades do mundo têm nos glaciais seus mananciais de abastecimento das populações, como é o caso de Lima, capital do Peru. Lá a cidade é abastecida pelos pequenos rios Rimac, Chillón e Lurín, que descem dos Andes. Sem os glaciais desaparecerão os rios que abastecem Lima. Casos como esse devem se repetir aos milhares por toda a face da Terra.

O derretimento das geleiras e o aquecimento também elevarão o nível dos oceanos, fazendo com que países e cidades baixas tenham grande parte de suas áreas inundadas, como é o caso de Recife, Salvador e Rio de Janeiro, no Brasil. A elevação dos mares vai modificar completamente os ecossistemas costeiros, verdadeiros santuários ecológicos,

espaços de reprodução de muitas espécies marinhas e de água doce. Hoje o mar penetra cerca de cinquenta quilômetros na foz do São Francisco, fazendo com que espécies marinhas sejam pescadas na cidade de Penedo, cidade situada às margens do São Francisco em Alagoas.

A elevação das águas oceânicas extinguirá várias ilhas, muitas delas habitadas – hoje países –, provocando enorme migração, aumentando o número dos chamados refugiados ambientais, hoje já estimados em cinquenta milhões de pessoas pela ONU. Entretanto, chamar essas pessoas de refugiados é praticamente uma atenuante. Na verdade, essas pessoas jamais poderão retornar aos seus lugares de origem. São, na verdade, “desterrados ambientais”.

Ao modificar os ecossistemas, o fenômeno contribuirá para o desaparecimento de várias espécies de seres vivos, fatalmente contribuindo para diminuir a biodiversidade hoje existente no planeta.

A mudança no regime das chuvas fará com que lugares secos passem a ter inundações e lugares hoje chuvosos possam passar a ter secas. É o que acontece na Amazônia.

Mas a Amazônia não alimenta apenas a si mesma. O rio aéreo – vapores de água – que evapora da Amazônia, seja dos rios, seja das plantas, vai em direção ao sul, chegando até a Argentina. Grande parte das chuvas que caem na região Sul tem sua origem na Amazônia. Portanto, seu enfraquecimento, ou seu desaparecimento, fatalmente provocará a diminuição das chuvas na região Sul. Se assim for, o impacto na agricultura também será enorme, tornando-se mais difícil praticar uma agricultura dependente do regime das chuvas. Em nível global, estima-se a diminuição das áreas produtivas, além de perdas contínuas de safras em função das mudanças climáticas, o que poderá provocar ainda mais fome no mundo.

Água na Terra

A água existe na Terra desde os seus primórdios. Aliás, até emergirem os continentes, estavam todos juntos na Pangeia,

isto é, um único continente cercado por um único oceano, o Pantalassa. Portanto, a Terra é um planeta água desde seu início.

Foi na água que surgiram as primeiras formas de vida, aliás, vidas unicelulares, que ali permaneceram como uma sopa oceânica durante bilhões de anos. A vida não evoluiu sempre de forma linear. Para muitos cientistas, foi no período Cambriano, há cerca de quinhentos e trinta milhões de anos, que houve uma explosão e diversificação das espécies, num período curto, de cerca de cinco milhões de anos. Depois a vida passou para os continentes. Os anfíbios, até hoje, são considerados essa transição entre os seres nascidos na água e os seres que vivem em terra firme.

Contudo, a água continua essencial à vida. A água, em termos científicos, não é viva. Aliás, ninguém sabe exatamente o que é a vida. Conhecemos apenas os fenômenos vitais e os elementos que embasam a vida, mas não sabemos exatamente o que ela é, porque nunca foi possível isolar a vida e dizer “isso é a vida”. Pois bem, a água não apresenta os fenômenos vitais de nascer, crescer, desenvolver-se, multiplicar-se, morrer, decompor-se. O volume de água na face da Terra é mais ou menos o mesmo há quinhentos milhões de anos.

Essa molécula formada por dois átomos de hidrogênio e um de oxigênio (H_2O) não cresce e não diminuiu com o passar dos anos. Ela apenas muda de lugar e de forma: desertos de hoje já foram lugares chuvosos, áreas hoje secas já foram fundos de oceanos, assim por diante. Do mesmo modo, nos períodos glaciais a água estava mais em estado sólido, os oceanos eram mais baixos. Hoje, temos mais oceanos e menos gelo. Se o planeta continuar esquentando, vamos ter menos água em estado sólido e mais água em estado líquido e gasoso. Mas o ciclo das águas faz com que ela constantemente esteja mudando seu estado, passando de líquido a gasoso, tornando-se líquido e assim por diante.

Seguindo essa lógica da natureza, é preciso considerar que os oceanos são decisivos na disponibilidade de água doce. Não se pode estabelecer uma ruptura entre água salgada e

doce simplesmente porque ela não existe na natureza. As águas das chuvas, em sua maioria, evaporam dos oceanos – e não só deles, como as águas da Amazônia que vêm para o sul do continente –, são deslocadas pelos ventos e precipitam-se sobre os continentes. Ao evaporarem, não carregam o sal, tornando-se água doce. Ao se precipitarem, grande parte penetra nos solos, formando os aquíferos, ou é absorvida pelos vegetais. Outra parte evapora. Outra parte, ainda, escorre pela superfície até retornar ao mar. Assim é o ciclo das águas.

O paradoxo aparente é que, mesmo não sendo viva, não existe vida onde não existe água. Ao menos por tudo que a ciência conhece até hoje. Não está fechada a possibilidade de a vida se desenvolver de outra forma, mas, se existe, é desconhecida. As “bactérias alienígenas”, descobertas num lago da Califórnia, apresentam agora uma exceção, ao alimentarem-se de arsênio, poderoso veneno, assimilando-o até mesmo em seu DNA. A descoberta abre novas janelas para pesquisa da vida no universo, mas nada que ainda substitua a água. Por isso, em todas as investigações científicas do espaço e de outros corpos celestes, como em Marte, os cientistas buscam encontrar vestígios de água. Onde houver, poderá haver vida – ou ter havido vida, mesmo que em formas extremamente incipientes. Encontrar vida, ou vestígios dela, em outros corpos celestes seria uma das maiores descobertas da ciência em todos os tempos. Até agora não está confirmada em nenhum deles.

Água nos seres vivos

Mas a água não é só o ambiente onde surgiu a vida e a base para a existência de todas as formas de vida, portanto seu papel ambiental essencial. Ela é também componente de todos os seres vivos. Esse é seu papel biológico. Hoje se sabe que um ser humano adulto tem aproximadamente setenta por cento de seu corpo composto por água. Um bebê, quando nasce, tem cerca de noventa por cento de seu ser formado por água. Nosso cérebro, onde estão nossos

sentimentos e toda a nossa personalidade, é formado por cerca de noventa por cento de água. Até um fio de cabelo, que parece seco, tem trinta por cento de sua composição formada por água. Portanto, a água é um componente essencial de todas as formas de vida.

Ser humano: anjo ou demônio das águas

O ciclo natural das águas faz que com ela refaça permanentemente. Por isso costumamos dizer que ela é um bem renovável. Mas é preciso ter cuidado com sua renovabilidade. Ela pressupõe tempo, muitas vezes diferenciado do tempo humano. Por exemplo: um aquífero pode levar até trezentos anos para renovar suas águas. O ser humano, num uso predador, pode secar um aquífero em questão de poucos anos. Dessa forma, a extração das águas é mais veloz que a reposição do aquífero. Assim, certos mananciais muito acessíveis ao ser humano podem estar inviabilizados e, então, pode haver a “escassez” da água.

Hoje, o chamado uso múltiplo da água contempla apenas os usos humanos: abastecimento humano, industrial, agrícola, geração de energia etc. Tal uso pode ser “consuntivo”, quando a água é retirada de uma manancial e não retorna mais a ele. O caso mais claro no Brasil será a transposição do rio São Francisco: ao retirar as águas do Velho Chico, as águas serão transpostas para outros rios dos estados receptores, dessa forma nenhuma gota voltará ao velho rio.

Outros usos não são “consuntivos”, como é o caso da geração de energia elétrica. A água é utilizada, mas sem sair de seu leito, podendo ser reutilizada várias vezes caso haja várias barragens. O problema aí é a mudança no regime dos rios, afetando populações humanas e a própria biodiversidade adaptada ao regime específico de águas daquele rio.

O uso intensivo da água na agricultura (setenta por cento da média mundial), particularmente a irrigada, além do uso industrial (vinte por cento em média), faz com que hoje exista a chamada “crise da água”. Na verdade, a crise não é da água, mas do modo como o ser humano a utiliza. Até

seu uso intensivo com finalidade econômica a água era considerada um bem sem valor. Seu uso econômico intenso, muitas vezes para além de qualquer sustentabilidade, faz com que hoje um bilhão de pessoas ao redor do mundo não tenha água de qualidade sequer para beber. No entanto, mais de dois bilhões não têm uma fonte segura para buscar água, nem mesmo que seja de baixa qualidade.

Dessa forma, estabeleceu-se um conflito mundial no uso da água. O capital quer transformar a água em um bem qualquer, como produto, que deve ser privatizado e transformado em mercadoria para compra e venda. Outros setores da humanidade veem nela seu valor ambiental, biológico, social, para muito além de seu valor econômico. Ainda mais, que os valores anteriormente citados estão qualitativamente acima do valor econômico. Daí a luta para que a água – bem como o saneamento – fosse reconhecida como um direito humano, o que finalmente a ONU reconheceu em 28 de julho de 2010.

Portanto, diante do uso predador da água a humanidade encontra-se dividida, como diante de tantos outros fatores, tais como aquecimento global, fome, justiça etc. Na verdade, a chamada crise da água, que é a crise de seu sobreuso, é apenas uma parte da crise civilizacional que a humanidade atravessa neste momento. Ao estabelecer o “desenvolvimento econômico” como critério único de avanço da humanidade, em detrimento de outros valores, a humanidade avança com voracidade sobre os bens da Terra, como solos, florestas, minerais etc., mas também sobre a água. Daí o surgimento de escassez em tantos lugares do mundo, tanta sede, tanta degradação, tanta miséria humana. O fato de ter uma elite mundial devorando oitenta por cento de todos os bens oferecidos pela Terra e dos bens produzidos pelos próprios seres humanos ilustra o descompasso que atravessa a própria humanidade.

O uso intensivo das águas não gera apenas seu sobreuso, mas também a degradação dos mananciais, seja por extração excessiva, seja pela contaminação por dejetos domésticos, industriais, hospitalares e demais contaminações.

Que fazer?

A água, como toda teia da vida, depende de cuidados. O ser humano não tem capacidade para interferir fora do planeta Terra, em outros planetas, embora pareça lógico que outros planetas também possam abrigar a vida, por causa do tamanho do próprio universo visível, estimado em cento e setenta bilhões de anos-luz. O que os cientistas repetem é que, mesmo que existam vidas em outros planetas, mesmo que sejam inteligentes, essas distâncias parecem intransponíveis. Em todo caso, é preciso recordar que há quinhentos anos a Terra ainda era considerada quadrada por muita gente e continentes como o que habitamos ainda não estavam no mapa do mundo. Em pouco mais de quinhentos anos estamos numa sociedade globalizada, interconectada pela rede mundial de computadores, pela telefonia celular e por redes de televisão. Portanto, é de se esperar que o ser humano continue avançando na conquista do espaço.

Mas, neste momento da história, o que temos à nossa disposição é o planeta que habitamos. Poucos prestaram atenção para o fato de que a humanidade poderia interferir na vida do planeta. A subjugação da natureza aos caprichos humanos parecia um triunfo da razão humana, senhora de nossa sociedade após a Renascença. Com ela veio o método científico, baseado na experiência, permitindo que rapidamente se desenvolvessem a técnica e a ciência. A aplicação da tecnologia no cotidiano mudou nossas vidas e muda cada vez mais rapidamente. Daí a dificuldade de reconhecer que a racionalidade científica também causa danos ao planeta que habitamos. Ainda mais: é difícil admitir que este planeta se comporta como um ser vivo, que reage à agressão humana e tem o poder de fazer sua própria defesa. Enfim, o reconhecimento de que a Terra é maior que o ser humano. Nós dependemos dela, ela não depende de nós. Se insistirmos em agredi-la, ela buscará um meio de nos controlar ou até de nos eliminar. Antes que a Terra morra, morreremos nós.

A crise da água – uma das dimensões da crise civilizacional que atravessamos –, nos diz que o ser humano pode, sim, tornar a água um bem mais escasso e de difícil acesso. Já enumeramos suficientemente o que significa a crise da água. Daí o surgimento de sua antípoda, isto é, se podemos causar a crise da água, como da civilização como um todo, também podemos superar essas crises pela inteligência, sobretudo pelo amor humano. Para tanto é preciso reconhecer humildemente nosso pequeno lugar no universo, nossa pouca significância universal, e admitir que precisamos cuidar com carinho do lugar que nos foi concedido como casa comum.

Muitas são as experiências positivas que se multiplicam pelo Brasil e pelo mundo no cuidado com a água.

Um das mais destacadas em território nacional é a captação da água de chuva nas cisternas. Essas tecnologias simples aperfeiçoaram o costume milenar de armazenar água de chuva. Só que antes, particularmente no Nordeste do Brasil, o costume era recolher a água de chuva em buracos escavados diretamente no chão, chamados barreiros. Essa água era para os animais e para as pessoas, mesmo para as necessidades mais higiênicas (banhar-se, lavar a roupa, lavar a louça, fazer comida e beber). O que tínhamos no Nordeste até poucos anos atrás era uma forma camuflada de eliminar pessoas, particularmente recém-nascidos. A mortalidade infantil só podia ser absurda.

O trabalho desenvolvido pela Articulação no Semiárido (ASA) tem provado que se pode resolver problemas graves com soluções simples. Aliás, a própria Pastoral da Criança também conseguiu salvar milhões de vidas infantis com soluções extremamente simples. Quando a vida é o horizonte, as soluções aparecem.

Hoje, mais de trezentas e cinquenta mil famílias, cerca de um milhão e setecentas mil pessoas, passaram a ter água de qualidade para beber em todo o Nordeste brasileiro a partir da captação da água de chuva. Só critica as cisternas quem nunca bebeu água de barreiro.

A construção das cisternas tem inúmeros impactos positivos, comprovados pela própria Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz): reduz a mortalidade infantil, reduz o trabalho feminino de buscar água, reduz a dependência das famílias em relação aos políticos locais. Pode-se, ainda, somar a esses o fator ambiental. A água acumulada nas cisternas não tem nenhum impacto negativo no ambiente. Sua acumulação é mínima em relação à precipitação e sua utilização não tem nenhuma contraindicação. Aqui aparece claramente como a mão humana, que pode dizimar as águas, pode também colaborar para que ela cumpra sua função biológica, ambiental e social.

Mas outras experiências têm-se acumulado nesse sentido, como as comunidades do norte de Minas, que têm tido cuidado com as fontes e nascentes. Ou a experiência no Himalaia, onde a água ainda é gerenciada pelos costumes locais, não por regras internacionais, como os Comitês de Bacias, criados na França e impostos ao resto do mundo por organismos multilaterais, como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Outro cuidado é a luta contra a privatização das águas. Esse bem, que é uma necessidade primária, espaço original de surgimento da vida, componente essencial de qualquer ser vivo, agora também reconhecido como um direito fundamental da pessoa humana, não pode ser privatizado e transformado em uma mercadoria. Mas é preciso dizer que interesses poderosos veem na água um bem a ser privatizado e uma fonte de acumulação de riqueza privada.

Tivemos lutas simbólicas em nível brasileiro e internacional como resistências exemplares na luta contra a privatização das águas. Uma das mais famosas foi a chamada “Guerra de Cochabamba”, na Bolívia. Ali, uma empresa transnacional tornou-se dona dos serviços de água da cidade. Uma das consequências imediatas foi a elevação do preço da água para as populações. As famílias mais pobres já não conseguiam pagar sua conta de água. Então, milhares de pessoas foram para as ruas, durante semanas ininterruptas, num protesto organizado e firme contra a privatização. A repressão

governamental da época foi violenta e pessoas morreram em defesa da água como um bem público, não privatizável. Pela primeira vez na história o governo foi obrigado a recuar e os serviços tornaram-se novamente públicos. Entretanto, o governo boliviano ainda sofre uma ação internacional de vinte milhões de dólares como indenização. Acontece que boa parte das lideranças do movimento acabou por formar a base do que seria hoje o governo de Evo Morales. Foi a Bolívia quem levou até a ONU a proposta de reconhecer a água como um direito fundamental da pessoa humana.

No Brasil, constitucionalmente, a água é considerada um bem da União. Em nossa Lei de Recursos Hídricos ela está como “um bem público”. Para muitos, é uma inconstitucionalidade que deve permanecer como está, já que é melhor a água como um bem público que como um bem da União.

O mais importante é que nossas águas não podem ser privatizadas. Mas através da outorga – um contrato de uso entre o Estado e o usuário – a água pode ser explorada privadamente. É através das outorgas que grandes volumes de água estão indo para as mãos de particulares por períodos como trinta anos, podendo ser renovados.

Quando a água é mineral, é considerada um minério e é explorada mediante as regras da mineração. Nesse caso, é o Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) que concede o “direito de lavra” a um particular. Foi o que aconteceu com a Nestlé em São Lourenço, Minas Gerais. Ali, a empresa explorou o manancial até seu esgotamento, provando como o interesse privado pode levar a crimes ambientais na exploração das águas. O fato teve repercussão internacional, até na própria Suíça, sede da empresa.

Entretanto, no começo deste milênio, sobretudo no governo Fernando Henrique Cardoso, houve a tentativa de privatizar os serviços de água de nossas cidades, ou das empresas que pertencem aos estados federados. A resistência foi muito grande, como na Bahia, onde sindicatos, Igrejas, movimentos sociais, ONGs etc. organizaram uma resistência consistente, obrigando o governo do estado a recuar de sua

decisão. Dessa forma, grande parte dos serviços de água do Brasil ainda continua público.

Outra luta simbólica é a resistência à transposição de águas do rio São Francisco e a luta popular por sua revitalização. Enquanto o governo, políticos, empreiteiras e parte do episcopado da região apoia a obra, houve uma resistência visceral à sua implementação por parte da sociedade civil e também por parte de bispos, como Dom Frei Luiz Flavio Cappio, bispo de Barra, Bahia. Exatamente quando a humanidade enfrenta sua encruzilhada civilizacional, exigindo uma nova atitude diante da natureza, particularmente da água, o Brasil envereda por uma obra gigantesca, que visa a seu intenso uso econômico, negando na prática a prioridade humana e animal em seu uso. Além do mais, rasgando cerca de setecentos quilômetros de caatinga, com um canal de vinte e cinco metros de largura por cinco de profundidade, com uma margem de segurança de dois quilômetros e meio em cada margem do canal, a obra produz um imenso impacto ambiental na vegetação, nas comunidades, exatamente onde já se transforma em uma região desértica.

A transposição é a primeira grande obra do hidronegócio brasileiro. Doravante, teremos de enfrentar o conflito entre os que veem a água como um bem público, direito humano, patrimônio de toda a humanidade e todos os seres vivos, contra aqueles que querem fazer dela um bem privado, desatando sua escassez programada sobre bilhões de pessoas na face da Terra.

Bibliografia

- ANDRADE, Manuel Correia. *Alternativas da agricultura*. São Paulo: Papirus, 1988.
- _____. *Lutas camponesas no Nordeste*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.
- ASA – ARTICULAÇÃO DO SEMIÁRIDO. *Construindo cidadania no semiárido brasileiro*. Recife: Asa.Com, 2004. folder.
- BENJAMIN, César. *A opção brasileira*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1988.
- BOFF, Leonardo. *A força da ternura*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.
- _____. *A oração de São Francisco; uma mensagem de paz para o mundo atual*. 7. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 1999.
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente/Secretaria de Recursos Hídricos. *Atlas das áreas suscetíveis à desertificação do Brasil*. Brasília: MMA, 2007.
- _____. *Recursos hídricos; conjunto de normas legais*. Brasília: MMA, 2004.
- CAATINGA. *Falando de água; projeto melhoria do acesso, qualidade e gerenciamento de água para o consumo familiar*. Ouricuri: Caatinga/CRS, 2000. Cartilha.
- _____. *Um barreiro trincheira*. Ouricuri, 1993. (Série Como Fazer – Cartilha.)
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. *A invenção ecológica; narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 5. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1984.
- CÁRITAS BRASILEIRA; Comissão Pastoral da Terra; FIAN/Brasil. Fotografias: Dieter Buehne. *Água de chuva; o segredo da convivência com o semiárido brasileiro*. São Paulo: Bagaço, 2001.
- COSTA, Jorge Antonio Silva et. al. *Leguminosas forrageiras da Caatinga; espécies importantes para as comunidades rurais do sertão da Bahia*. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana/SASOP, 2002.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões; campanha de Canudos*. 20 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.
- LOVELOCK, James. *A vingança de Gaia*. Rio de Janeiro: Intrínseca. 2006.
- MAIA, Gerda Nickel. *Caatinga; árvores e arbustos e suas utilidades*. São Paulo: Computação Gráfica e Editora, 2004.

MALVEZZI, Roberto. *Império do Sol*; quatro anos na seca e nas CEBs do sertão. São Paulo: Paulus, 1985.

_____. Os personagens das águas. Revista *Agriculturas: experiências em agroecologia*, Rio de Janeiro: AS-PTA, v. 6, n. 4, 2010.

NILSSON, A. *Groundwater dams for small-scale water supply*. 103/105 Southampton Row, London WC1B 4HH, UK: Intermediate Publications. 1988.

PORTO GONÇALVES, Carlos Walter. *Globalização da natureza e a natureza da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Quais desafios bíblicos, teológicos e pastorais identificamos na “crise da água”?
2. Como interpretar o apelo de Jesus (Mt 25) “tive sede e me destes de beber” nesta crise?
3. Há algum ângulo que desafia particularmente a Vida Religiosa nesta crise?

PRÓXIMOS EVENTOS NACIONAIS

Agende-se logo!

- **IV Seminário de Espiritualidade Bíblica (SESBI)**

Brasília, de 6 a 9 de junho de 2011

Tema: *“Que nossos olhos se abram” – Uma leitura de Mateus na perspectiva do tesouro.*

ERB – Equipe de Reflexão Bíblica

- **V Congresso de Psicologia**

Brasília, de 13 a 16 de outubro de 2011

Tema: *“Diferentes gerações na VRC hoje, desafios e perspectivas”*

ERP – Equipe de Reflexão Psicológica

Informações e inscrições:

congresso@crbnacional.org.br